Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional



www.dn.pt / Quinta-feira 22.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 735 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

RENDAS CONGELADAS

SENHORIOS QUE PEDIRAM COMPENSAÇÃO SEM RESPOSTA DO ESTADO

Proprietários que pediram compensação pelo congelamento definitivo das rendas queixam-se de que, após um processo caótico – o fisco não disponibilizava documentos exigidos, instruções mudaram várias vezes –, não estão a receber resposta nos 30 dias do prazo legal. Reunidos num grupo de Facebook , querem avançar com queixa para a provedora de Justiça e petição ao Parlamento.

PÁGS. 4-5



ESTADOS UNIDOS
NEGROS, MULHERES E COM CURSO SUPERIOR. A FÓRMULA QUE HARRIS TERÁ DE AFINAR SE QUISER VENCER TRUMP

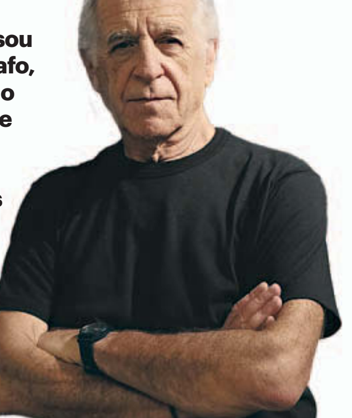
PÁGS. 14-15

Barack e Michelle Obama foram as estrelas do segundo dia da Convenção Democrata em Chicago.

BRANDON BELL / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / GETTY IMAGES VIA AFP

OSCAR BONILLA
"O URUGUAI DEVE SER O ÚNICO PAÍS DO MUNDO QUE NÃO TEM NOME"

PÁGS. 24-26



O DN conversou com o fotógrafo, que foi exilado político, sobre o que faz ser especial este pequeno país da América do Sul, a começar pela força do futebol.

Madeira
Albuquerque desvia críticas e diz que combate ao fogo tem sido "um sucesso"

PÁG. 6

Rita Ribeiro
"Há faculdades de Medicina que em vez de terem um tutor para três estudantes, têm um para 15", afirma a presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina

PÁGS. 8-9

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
MIGUEL VIEIRA
ESTILISTA
"GOSTAVA DE VIAJAR PARA PORTUGAL NO ANO 2124, PARA VER A EVOLUÇÃO DAQUI A 100 ANOS"

PÁG. 11

TGV
País tem dois anos para provar que bitola da ferrovia europeia não compensa

PÁGS. 12-13



Até ver...

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Sistema de Segurança Interna, um desvalor inexplicável

Nesta quinta-feira, dia 22 de agosto, termina a comissão de serviço do embaixador Paulo Vizeu Pinheiro no cargo de secretário-geral do Sistema de Segurança Interna (SSI). No momento em que escrevo este texto, não é conhecido ainda o nome do seu substituto. Agravado pelo facto de esta data ser já um prolongamento do seu mandato, que devia ter terminado a 15 de julho passado, para assumir no dia seguinte as suas novas funções de Representante Permanente de Portugal junto da Organização do Tratado do Atlântico Norte – DELNATO, em Bruxelas, como determina o despacho assinado desde 4 de março último pelo então primeiro-ministro, António Costa. Ou seja, há seis meses que os atuais governantes sabem que é preciso substituir o diplomata e nem prolongando ainda mais um mês o seu mandato, se decidiram.

Podemos encolher os ombros e dizer: "Ora, qual é a pressa? Estamos em Portugal!" Mas podemos também questionar-nos e até indignar-nos ao pensar se esta ausência de decisão não significa um preocupante desinteresse do Governo em relação à maior estrutura de coordenação estratégica, controlo e direção da segurança nacional.

Um primeiro sinal já tinha sido dado pelo facto de no Programa do Governo não haver uma única referência ao SSI. Luís Montenegro não deu continuidade à política de Rui Rio que defendia, no programa eleitoral do PSD para as Legislativas de 2022, um novo modelo de organização do SSI, com reforço do poder.

Nos últimos três anos, o SSI acabou, de facto, por ser reforçado, centralizando todo o processo de reorganização do sistema de fronteiras que resultou da extinção do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) em outubro de 2023. Foi criada a Unidade de Coordenação de Estrangeiros e Fronteiras, um "mini-SEF", agora dirigido por um oficial da PSP, que articula o trabalho das forças de segurança e centraliza toda a informação relativa às entradas e saídas em território nacional.

Foi Vizeu Pinheiro quem estabilizou o Ponto Único de Contacto para a Cooperação Policial Internacional (PUC-CPI), o maior conjunto de sistemas de informações alguma vez reunido sob a mesma entidade, conseguindo, com o apoio do diretor nacional da PJ, Luís Neves, chegar a um consenso para integrar neste PUC os gabinetes Europol e Interpol, que estavam na Judiciária. É ainda sob a égide do secretário-geral do SSI que funciona a Unidade de Coordenação Antiterrorista (UCAT), o mais importante fórum de partilha de informações entre polícias e "secretas".

Paulo Vizeu Pinheiro, justiça seja feita ao anterior Governo que o nomeou em julho de 2021, foi um trunfo para António Costa e para o PS. Vindo da área política do PSD – foi adjunto de Durão Barroso no Ministério dos Negócios Estrangeiros e seu assessor diplomático quando este subiu a primeiro-ministro –, constituiu um dos raros momentos de consenso, nesta área, entre os dois maiores partidos nacionais durante a governação socialista.

Assumiu a missão com empenho, valendo-se em muito da sua veia diplomática para a difícil tarefa de tirar as polícias das suas "quintinhas" e garantir que comunicam, cooperam e se apoiam, organizando até almoços informais regulares entre todos os chefes das polícias que muito serviram para criar laços e afastar mal-entendidos.

Nestes três anos, enfrentou uma pandemia e duas Eleições Legislativas, enquanto teve de gerir, umas vezes bem outras menos bem, todas as tempestades que foram surgindo da extinção do SEF.

Por tudo isto, tem uma experiência e conhecimentos que devem ser partilhados com o sucessor. Não ouso pensar que isso não vai acontecer, mas é duvidoso que seja com o tempo adequado a tudo o que está em causa no SSI, mesmo que a nomeação surja hoje.

O Governo tem mostrado capacidade de decisão, pelo menos já apresentou 12 pacotes de medidas para vários setores. É difícil de entender este desvalor em relação a um setor tão sensível como é a segurança, que tem um papel insubstituível na afirmação da soberania nacional.

Como sublinhou o ex-ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro, numa sua intervenção ainda como governante, "a segurança é fundamento do Estado e condição de liberdade. (…) Dela depende o sentimento de pertença, de coesão e de bem-estar, crucial à paz, à democracia e à valorização externa do nosso País". Na entrevista DN-TSF, que publicaremos na sexta-feira, manifesta a sua estranheza com o procedimento do Governo em relação ao SSI e defende que, para esta escolha, deve ser consultado o maior partido da oposição.

OS NÚMEROS DO DIA

90

MINUTOS
Cristiano Ronaldo lançou ontem um canal no YouTube, o UR Cristiano, que demorou apenas uma hora e meia a atingir um milhão de seguidores.

466 000

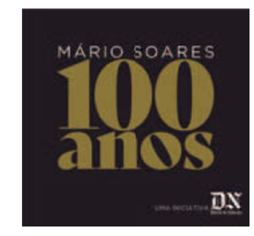
CIRURGIAS
O Serviço Nacional de Saúde (SNS) "bateu o recorde de cirurgias" no primeiro semestre deste ano, com mais de 466 mil realizadas, de acordo com o divulgado ontem pela Direção-Executiva, que revela ainda um "ligeiro aumento" de 0,3% nas listas de espera.

300

MILHÕES DE EUROS
A Caixa Geral de Depósitos vai dar um dividendo adicional ao Estado, no valor de 300M€, comunicou o banco público.

2

CANADAIR
A pedido do Governo Regional da Madeira, o Governo português acionou o Mecanismo Europeu de Proteção Civil para que possam ser enviados "dois aviões Canadair" para ajudar no combate ao incêndio que lavra há oito dias na Madeira.





22.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

RENDAS CONGELADAS

“Os senhorios continuam a ser um saco de pancada. Uma vergonha!”

REVOLTA Proprietários que em julho conseguiram, apesar de um processo caótico, pedir compensação ao Estado pelo congelamento definitivo das rendas não estão a receber resposta nos 30 dias do prazo legal. Reunidos num grupo de Facebook, querem avançar com queixa para a provedora de Justiça e uma petição ao Parlamento.



Estima-se que haja mais de 100 mil arrendamentos com rendas congeladas; maioria dos senhorios terá mais de 70 anos.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

“Já passaram 50 dias desde a submissão do meu pedido. Submeti-o no dia 1 de julho – faltavam documentos que não era possível obter na altura e que enviei mal ficaram disponíveis – e até agora a resposta que obtenho é para prestar atenção aos emails… Que não chegam, apesar de a lei indicar 30 dias como limite para a resposta. E o pior é que não nos dizem nada.”

Este é um dos testemunhos no grupo de Facebook “Senhorios – rendas anteriores a 1990”, no qual proprietários nessas circunstâncias, e que estão a tentar obter a compensação legislada no âmbito do Programa Mais Habitação como contrapartida do “congelamento definitivo” dessas rendas, dão dicas uns aos outros sobre como navegar um processo cujo prazo se iniciou a 1 de julho e que, acusam, “foi feito para dificultar ao máximo a vida aos senhorios, para que as pessoas desistam ante toda esta burocracia e o Estado compense o menor número possível. Os senhorios continuam a ser um saco de pancada. Uma vergonha!”

O testemunho citado, de 20 de agosto, é de Irene, 59 anos, proprietária de um T2 na Amadora herdado dos pais e pelo qual o inquilino, que entrou em 1967, paga 53 euros. Irene conta receber 144 euros de compensação – a diferença entre a renda atual e os 197 euros que resultam da aplicação da fórmula prevista na lei, baseada no valor patrimonial tributário (VPT) do imóvel. O qual, no caso deste T2, não chega a 37 mil euros (os valores patrimoniais muito baixos são frequentes nos edifícios antigos; por essa razão uma boa parte dos proprietários com rendas congeladas não terá sequer direito a compensação, como um estudo encomendado pelo anterior governo antecipava, sendo a média mensal estimada da subvenção estatal de apenas 161 euros).

Irene suspira: “Pago impostos, condomínio, seguros, etc, perco dinheiro”. Os esperados 144 euros mensais não irão melhorar muito significativamente a situação, mas até agora nem sequer sabe se o seu requerimento foi considerado válido; apesar de já ter expirado o prazo legal, o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), encarregado de gerir o processo, não a esclarece – nem ao DN, que o questionou esta terça-feira sobre estes atrasos, o número de requerimentos entrados até meio de agosto e a quantos deu resposta.

Maria, 37 anos, está na mesma situação de Irene. Proprietária de um T3 em Oeiras com 80 m2 cuja inquilina, que ali reside desde 1975, paga 128,33 euros, espera receber uma compensação mensal de 185,89 euros (o VPT do locado é 56 560 euros, 1/15 do VPT são 3770,66 euros, que a dividir pelos doze meses do ano dá 314,22 euros, aos quais se subtrai a renda que a inquilina paga). Entregou o requerimento a 15 de julho. Mas 35 dias e duas solicitações de esclarecimento depois continua na mesma.

“A grande maioria dos senhorios nem consegue fazer o pedido”

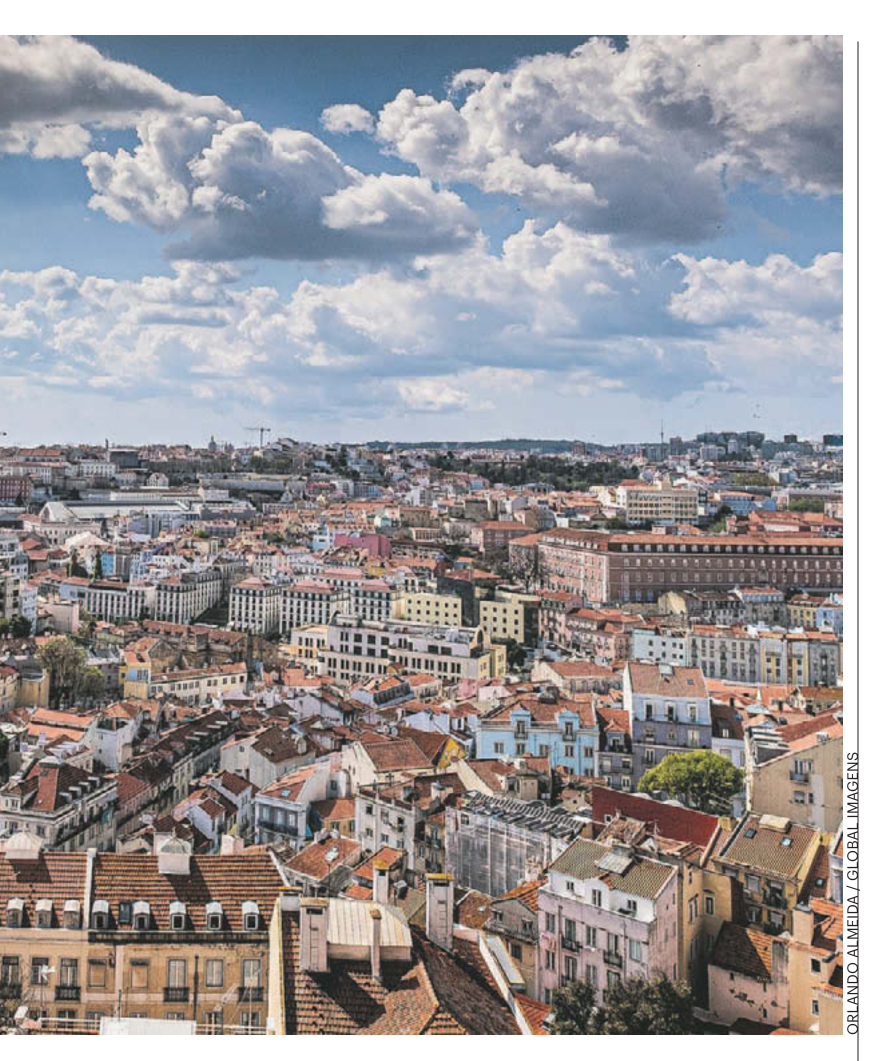
São vários os proprietários que comentam não ter recebido sequer uma informação sobre o estado do processo. “Já ficava contente, seria o mínimo esperado”, diz, irónica, Cristina, que tem, em compropriedade com outros herdeiros, sete inquilinos anteriores a 1990 e se viu aflita para submeter os pedidos correspondentes, já que até 24 de julho o formulário disponível no site do IHRU só permitia efetuar um pedido por endereço de email.

Fez o primeiro requerimento a 16 de julho; quando tentou fazer o seguinte recebeu a mensagem “endereço de email introduzido já está registado, tendo o respetivo inquérito sido dado como terminado.” Pediu ajuda no grupo e um dos membros deu-lhe a solução: “Usei vários endereços de email, um para cada pedido. Resultou”. Inconformada – “No meu caso seriam 14 endereços de email (sete inquilinos, dois herdeiros), quem tem de solucionar os problemas não somos nós, não cabe na cabeça de ninguém não equacionarem quem tem mais que um inquilino” –, Irene ligou para o IHRU. De lá explicaram-lhe que “a plataforma não estava preparada para vários inquilinos” e que na semana seguinte “o problema estaria resolvido”. Perguntou se tal queria dizer que só poderia apresentar os pedidos no fim do mês, perdendo a compensação relativa a julho; a resposta, conta, foi de que “esperavam que não acontecesse”.

A 26 de julho, questionado pelo DN sobre as dificuldades de submissão dos requerimentos e o número até então submetido, o ministério das Infraestruturas e Habitação admitia apenas um “problema informático”: “O problema informático que sobrecarregou o sistema informático do IHRU ficou resolvido ontem, 25/07, pelas 12h, pelo que o processo de submissão de pedidos está a decorrer normalmente”. Adiantava também que até então haviam dado entrada no IHRU apenas 850 pedidos de compensação – uma fração ínfima do universo estimado de arrendamentos com rendas congeladas, mais de 100 mil.

No grupo dos senhorios no FB, o número, que foi divulgado mais tarde pelo governo, ocasionou comentários sarcásticos: “O tom destas notícias é de que desde início de julho está disponível uma fantástica compensação aos senhorios e que apenas 850 senhorios a solicitaram. Quem não esteja dentro do assunto fica a achar que somos todos tão ricos, por sermos proprietários, que nem nos damos ao trabalho de requerer aquilo a que temos direito. Isto é tudo um absurdo e a comunicação social ajuda à festa. A grande maioria dos senhorios nem consegue fazer o pedido por inúmeras razões e não é que não queiram a compensação, mesmo sendo esta apenas migalhas.”

De facto, como resulta da leitura dos posts e comentários no grupo, a maioria dos membros esteve semanas a tentar reunir os documentos exigidos, nomeadamente o comprovativo do pedido de isenção de IMI e o comprovativo da



ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

data de celebração do contrato de arrendamento – ambos da responsabilidade da Autoridade Tributária (AT).

No que respeita ao segundo, os proprietários não conseguiam "descarregá-lo" do site, porque essa operação não estava disponível. Perante os protestos dos senhorios, a AT ou não respondia ou informava que tinham de ir à repartição de Finanças onde o contrato fora depositado pedir uma cópia autenticada (que teriam depois de transformar em documento digital, já que todo o processo tem de ser submetido digitalmente); houve até quem fosse confrontado com a exigência de pagamento da cópia do contrato.

O próprio IHRU, apesar dos protestos da Associação Lisbonense dos Proprietários – que em comunicado no final de junho antecipou que o processo seria "um caos" devido à total ausência de informação –, só colocou no seu site referência ao pedido de compensação no último dia de junho, e o *link* do formulário para o efeito só ficou ativo no início da tarde de 1 de julho. E a partir daí foi um ror de trapalhadas: não só não aceitava mais que um pedido por cada endereço de email, como, caso o senhorio não dispusesse de assinatura digital, exigia um comprovativo de IBAN – número de identificação bancária – com reconhecimento notarial de assinatura (exigência que deixou cair antes do final de julho), dando informações contraditórias: a uns garantia que em caso de compropriedade bastava um proprietário pedir em nome de todos, a outros dizia que cada um tinha de pedir a compensação separadamente.



"Mesmo tendo o curso de Direito vi-me grega para tratar disto. Pensei que se fosse a minha mãe a querer pedir a compensação não iria conseguir, e criei o grupo no FB para ajudar."

Suéli de Carvalho
Senhoria com renda congelada

"Mesmo tendo o curso de Direito vi-me grega para tratar disto"

Quanto à AT, só a 4 de julho disponibilizou *online* um formulário para que se pudesse requerer a isenção de IMI (depois de, como o DN noticiou no final de junho, recusar esclarecimento aos proprietários que a contactaram previamente para saber como obter o referido comprovativo, facto para o qual o ministério das Finanças, confrontado pelo jornal, se eximiu de dar explicações).

Mas, comenta a criadora do grupo no FB, Suéli de Carvalho, o formulário para o pedido do comprovativo de isenção de IMI foi "tão bem escondido" que já nem se lembra de como o descobriu: "Não estava nos pedidos de isenção, estava nos destaques". Foi, explica ao DN, exatamente por se dar conta da dificuldade do processo que decidiu criar o grupo de Facebook. "Mesmo tendo o curso de Direito vi-me grega para tratar disto. Pensei que se fosse a minha mãe a ter de tratar do assunto não iria conseguir, e quis ajudar. O proprietário de uma fração do mesmo prédio que a minha, também com renda congelada, não sabe por onde começar, não sabe mexer muito bem no computador. Acho horrível este processo ser online. Se as pessoas com mais de 65 anos não são obrigadas a passar recibos eletrónicos, como é que neste processo têm de fazer tudo por via digital? Não faz sentido."

Com 46 anos, Suéli é proprietária de um apartamento em Vieira do Minho que o pai, emigrante na Alemanha, comprou nos anos 1970. A ideia era a família viver lá quando regressasse, mas entretanto o pai resolveu arrendá-lo. O arrendamento iniciou-se em setembro de 1977. "Só que o meu pai adoeceu e foi preciso voltar, e a minha mãe com a pressa comprou outra casa. Quando quiseram pôr uma ação em tribunal para a inquilina sair perderam, porque tinham a outra casa. O meu pai morreu em 1991 e a minha mãe doou a casa às duas filhas, mas nenhuma de nós a pôde usar."

O apartamento, um T3 de 99 metros quadrados, tem VPT de 60 mil euros, pelo que a subvenção respetiva deverá ser de 113 euros. "Quando comecei as atualizações de renda, em 2006 – foi a primeira vez que foi possível atualizar, com o regime de Novo Arrendamento Urbano [apresentado por António Costa, então ministro da Administração Interna do Governo Sócrates] – a inquilina pagava 32 euros. Fiz atualizações sempre que pude, só assim a renda chegou aos 220."

Fez a experiência de colocar os dados do imóvel no Programa de Arrendamento Acessível, e o valor indicado para a renda nesse programa existente desde 2019, no âmbito do qual os proprietários beneficiam de isenção total de IRS por praticarem rendas mais baixas que as "de mercado" foi de 609 euros. Suéli ri: "Quem me dera. A renda total que vou receber, mesmo com a compensação, é quase metade. E entretanto vivo com a minha mãe porque não consigo comprar uma casa nem arrendar."

"Não posso ser prejudicada pela incompetência da Autoridade Tributária"

No grupo, há quem proponha uma petição à Assembleia da República para revogação do congelamento das rendas, quem anuncie queixa à Provedora de Justiça e quem fale em recorrer aos tribunais, com vista a chegar ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, o qual em várias decisões condenou os Estados por considerar as rendas congeladas "um sacrifício desproporcional" dos senhorios e uma violação do respetivo direito à propriedade.

"Quem não se sente não é filho de boa gente e os proprietários que suportam estes contratos já levaram pancada que chegue", diz um dos membros, que anuncia ter criado um endereço de email para "saber quantos somos e trocarmos algumas ideias".

Já a administradora do grupo perguntou num post se não será boa ideia criar uma associação dos senhorios com rendas congeladas. Teresa, uma das proprietárias mais ativas no grupo, concorda: "De alguma forma, parte da culpa de toda esta situação se manter ao longo de tanto tempo também será nossa. Até agora os senhorios, enquanto grupo, não se organizaram, não contestaram estas políticas. Está na hora de nos fazermos ouvir e de mudarmos esta situação. Temos o direito de ser tratados com equidade face aos outros senhorios com rendas atuais. É uma questão de justiça".

Com 62 anos, Teresa diz-se "senhoria de terceira geração" por ter herdado do avô e do pai o apartamento T3 de 115 metros quadrados em Benfica cuja inquilina, tendo entrado em 1978, paga 395 euros. "Sou provavelmente das proprietárias do grupo que recebe uma renda mais alta", admite. Valor ao qual espera somar uma compensação acima de 200 euros, já que o valor patrimonial do imóvel é de 110 mil euros. Mas cuja solicitação, garante, lhe transformou "o mês de julho num inferno": "Perdi dias e dias a tentar reunir os documentos necessários."

O seu é um bom exemplo do atraso que a AT causou nos pedidos: tendo solicitado o comprovativo de isenção do IMI a 6 de julho, 23 dias, duas reclamações (a 17 e 22 de julho), e um novo pedido (a 27 de julho) depois, ainda não obtivera o documento. Decidiu assim, face ao exemplo de outros membros do grupo (como Irene, citada logo no início do artigo), e a conselho de quem a atendeu no IHRU, dar entrada do pedido de compensação sem o documento da AT. Fê-lo a 29 de julho, tendo de seguida, a 10 de agosto, enviado um email ao instituto anunciando que vai apresentar queixa à Provedoria de Justiça.

Terá sido, comenta ao DN, remédio santo: "A 13 de agosto a AT enviou-me finalmente o comprovativo". Que por sua vez enviou para o IHRU. Mas, questiona, "será que isto significa que não vou receber o mês de julho? A lei diz que o pagamento só é devido a partir da data da submissão do pedido da compensação, mas se não receber é uma injustiça, porque não posso ser prejudicada pela incompetência da AT."

Não sendo claro até agora se o pagamento é devido apenas a partir do dia em que o pedido é submetido ou se qualquer requerimento feito em julho, se contendo os elementos necessários e respeitando a uma situação enquadrada na lei, dá direito a receber a compensação referente a todo o mês, é menos claro ainda se vão ser tidos em consideração os atrasos e insuficiências quer da AT quer do IHRU.

O DN questionou quer o ministério das Infraestruturas e Habitação (a 6 de agosto) quer o IHRU (a 20 de agosto) sobre como vai ser dirimida a responsabilidade da AT e do IHRU no atraso na entrada de pedidos, mas até ao fecho deste texto não houve reação.

Por este andar, a dúvida só será esclarecida quando o IHRU der resposta aos senhorios.



Miguel Albuquerque diz que não recebe lições sobre a gestão política dos incêndios.

HOMEM DE GOUVEIA / LUSA

Albuquerque rejeita críticas e diz que combate ao fogo tem sido "um sucesso"

INQUÉRITO À semelhança do PS, o PAN vai querer ouvir no Parlamento Regional da Madeira as entidades com responsabilidades políticas nos incêndios que deflagram no arquipélago.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

"Se faltassem homens nas zonas cruciais, as habitações e os núcleos habitacionais já tinham sido destruídos", afirmou ontem o presidente do Governo Regional da Madeira, Miguel Albuquerque, questionado pelos jornalistas no Funchal sobre se teriam sido necessários mais meios para combater o incêndio que deflagra na região há oito dias. Para o chefe do Executivo Regional, a estratégia passa por "salvaguardar núcleos habitacionais, os bens públicos, e o património das pessoas", pelo que "os resultados são positivos". No entanto, nenhum partido da oposição concorda com Albuquerque quanto à gestão do incêndio.

Quando o fogo deflagrou, a 14 de agosto, Albuquerque estava de férias em Porto Santo. Interrompeu as férias no sábado, mas retomou-as passados uns dias. Ontem, acompanhava os trabalhos na zona do Pico Ruivo, já na Ilha da Madeira, onde o incêndio lavrava com mais intensidade.

"Se me tentam intimidar, porque pensam que vou ficar com *stress* por causa disso, estão enganados", disse Miguel Albuquerque relativamente à polémica sobre as suas férias, assegurando que acompanhou o incêndio "desde a primeira hora".

"A mim ninguém me dá lições, porque eu, ao contrário de outros, nunca deleguei as minhas responsabilidades em ninguém, nem disse que a culpa era dos técnicos", considerou.

Mais tarde, em conferência de imprensa no Funchal – na qual anunciou a ativação do Mecanismo Europeu de Proteção Civil para ajuda no combate aos incêndios –, o líder do Governo Regional voltou a garantir que a "estratégia de contenção" do incêndio adotada "até agora foi um sucesso", para além de ter sido "inteligente, eficaz e tecnicamente adequada".

Ao DN, um antigo governante da área da Proteção Civil lembrou que Albuquerque "não deveria estar a fazer *briefings* operacionais", tendo em conta que essa é uma "medida que até está nas recomendações pós-Pedrógão", devendo o poder político abster-se "de assumir os *briefings* até a situação estar normalizada".

> "Nunca poderia haver esta desresponsabilização pelas perdas de valores incalculáveis que estamos a ter na nossa floresta", defende a deputada do PAN-Madeira, Mónica Freitas.

Além disto, continua, o Governo Regional deveria "ter investido em mais um helicóptero, pois eles atuam muito melhor em parelha, até por razões de segurança". Entre as sugestões apresentadas, o antigo governante considera que Miguel Albuquerque "já devia ter deixado o discurso de que está tudo a correr bem, pois só mostra que está completamente fora da realidade".

Quanto às declarações de Albuquerque sobre o "sucesso" das operações, a deputada do PAN-Madeira, Mónica Freitas, diz compreendê-las como forma de evitar o pânico da população. Porém, ao DN, vincou que estas afirmações "pecam pela insensibilidade". "Nunca poderia haver esta desresponsabilização pelas perdas de valores incalculáveis que estamos a ter na nossa floresta", sustenta a deputada, acrescentando que "a postura que [Miguel Albuquerque] tem assumido não tem sido, de facto, a mais correta, porque tem uma responsabilidade acrescida de, não só tranquilizar a população, mas também de prestar os devidos esclarecimentos".

Questionada sobre se as férias do governante madeirense foram uma opção correta, tal como aconteceu com o secretário regional que tem a tutela da Proteção Civil , Pedro Ramos, Mónica Freitas explica que "embora a presença física possa ou não fazer diferença, pois há decisões que podem ser tomadas à distância, a verdade é que um dos governantes tinha de estar a dar a cara e tinha de estar a acompanhar toda a situação, da mesma forma que nós temos os profissionais no terreno de forma incansável".

"No final é necessário fazermos uma avaliação da atuação, das decisões que foram tomadas, inclusivamente pelo Governo Regional", defendeu a deputada do PAN. Por este motivo, continuou Mónica Freitas, o partido vai acompanhar a proposta do PS "para uma Comissão de Inquérito" para apurar responsabilidades políticas. "É importante haver uma reflexão séria sobre os procedimentos que estão a ser executados neste tipo de situações para não estarmos todos os anos a passar pelo mesmo", justificou.

Mecanismo Europeu ativado

Mesmo com a palavra "sucesso" escolhida por Albuquerque para classificar as operações de combate ao incêndio rural na Madeira, o Governo Regional pediu ao Governo da República para ativar o Mecanismo Europeu de Proteção Civil para que cheguem reforços ao arquipélago, que incluem dois aviões Canadair, provenientes de Espanha. Além destes meios, a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil enviou para a Madeira mais 60 elementos para combater o incêndio.

Questionada sobre se sente haver alguma incongruência nas palavras de Albuquerque perante estes reforços, Mónica Freitas considerou que "há uma arrogância ao falar, porque, de facto, se os meios estão a vir é porque de facto foram pedidos os apoios". "Aquilo que nós não compreendemos muitas vezes é o discurso que é feito e o porquê de não se admitir que foram pedidos apoios", concluiu.

vitor.cordeiro@dn.pt


ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Vasco Cardoso propõe a valorização do SNS como prioridade.

PCP acusa o Governo de "agradar ao poder económico" e diz não ter ilusões face ao OE

ALTERNATIVA Vasco Cardoso, membro do Comité Central do partido, diz que há um caminho para acabar com a "injustiça, exploração e abdicação dos interesses nacionais".

O PCP acusou ontem o Governo de agravar os problemas nacionais através de uma "arte do engano" para "agradar ao poder económico" e reiterou não ter "qualquer ilusão quanto à proposta do OE que venha a ser apresentada".

Na sede do PCP, em Lisboa, o membro da Comissão Política do Comité Central Vasco Cardoso afirmou que o Executivo liderado por Luís Montenegro está a seguir uma abordagem para o próximo Orçamento baseada na "ilusão de que é possível responder àquilo que o país precisa sem pôr em causa a política de direita e as imposições da União Europeia".

Vasco Cardoso criticou o Governo por se comportar como "um agente ao serviço do poder económico" e por recorrer à "demagogia, à mentira e à propaganda para disfarçar a sua política", através, por exemplo, da "ilusão de que descendo os impostos aos mais ricos se aumenta o rendimento dos mais pobres".

"Podem chover anúncios, como os que primeiro-ministro tem feito, porque no final do dia o que os trabalhadores e o povo português sabem é que os seus salários e pensões não chegam ao fim do mês, é que os grupos privados de saúde não resolvem os problemas, é que a prestação do banco não desce. Esta arte do engano pode agradar ao poder económico, mas agrava os problemas nacionais", frisou.

O dirigente comunista acusou o Governo de procurar "convencer o povo de que não há alternativa" e defendeu que o PCP "não prescinde de afirmar e lutar por soluções para o país" e um caminho que acabe com a "injustiça, exploração e abdicação dos interesses nacionais".

Vasco Cardoso defendeu que, atualmente, o "Estado possui margem orçamental para responder aos problemas do país" e por isso "não há razões" para não dar uma resposta urgente aos problemas nacionais.

Para o PCP, é necessário um "aumento significativo dos salários e pensões", a "valorização dos serviços públicos, particularmente do SNS", dar resposta "aos problemas da habitação, particularmente com a regulação do valor das rendas e estabilidade nos contratos" e dar "uma forte prioridade à produção nacional".

Sobre o próximo Orçamento do Estado, o PCP mantém-se sem "qualquer ilusão", afirmando que daquilo "que se conhece das ações, da política, das declarações deste Governo", o Executivo vai "no sentido, não da inversão desta política, mas do seu aprofundamento".

DN/LUSA



O passado não é um país estrangeiro
Alberto Costa

Alto representante, alta exigência

O cargo que foi destinado à ex-primeira-ministra da Estónia no acordo a que se chegou em Bruxelas, com o preciso conteúdo que hoje tem, nasceu com designação diferente da que agora ostenta: a de "ministro dos Negócios Estrangeiros da União."

De forma simplificada, pode dizer-se que só a perdeu – ficando com outra mais trabalhosa de enunciar: alto representante/vice-presidente da Comissão para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança – porque o "tratado constitucional" que a introduzia foi reprovado em referendo, na França e depois na Holanda (2005).

O passo que se dava nesse tratado pode resumir-se assim: o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da UE passava a ter – caso único em todas as formações do conselho – um "presidente permanente"; esse presidente permanente era membro e um dos vice-presidentes da comissão europeia e, em simultâneo , tomava parte no Conselho Europeu, junto dos primeiros-ministros e chefes de estado e presidente da comissão ; e por último, além de contribuir com as suas propostas, cabia-lhe "conduzir a Política Externa e de Segurança comum da União." Por isso, claro, se lhe dava um nome: "o MNE da União." Era evidente que os MNE nacionais eram, de todos os ministros, os mais directa e imediatamente afectados por esse tratado e que, com ele, ficava moldado um cargo executivo com o mais alargado enraizamento nas instituições europeias: no conselho, na comissão, no Conselho Europeu, e com responsabilização e prévia passagem perante o Parlamento.

Esta solução não desapareceu quando o tratado constitucional caiu por terra, nem veio a sofrer alterações. Numa operação que alguns qualificam de "circunvenção estratégica", regressou à vida poucos anos depois, com o Tratado de Lisboa, mudando-se apenas o nome à coisa. Mas os anos que se seguiram à sua entrada em vigor (2009) revelariam que se estava a desperdiçar, na realidade, bem mais que uma designação.

Está em curso, agora, o procedimento de nomeação do quarto titular desse cargo. Não serão demasiados os que se lembram hoje, de imediato, dos antecessores de Borrell: Catherine Ashton e Federica Mogherini. Quer os processos de nomeação quer os desempenhos subsequentes não tiveram impacto – nem europeu nem muito menos externo – ao nível do que tivera a criação dum cargo com aquelas dimensões e as expectativas que fundara. Estava em voga ao tempo evocar a pergunta que Kissinger décadas antes colocara – a quem ligar quando precisava de falar com a Europa? Apesar duma frase generosa de Hillary Clinton, tornou-se patente que nem essa "pequena pergunta" tinha sido eficazmente resolvida: passou mesmo a circular a *boutade* de que tinha sido pedido um número e afinal tinham sido indicados três…

São muitos, de então para cá, os que se interessaram por este verdadeiro *case study*. Falam alguns nos efeitos esperáveis do recurso a escolhas "em mínimos" para lidar com expectativas – e também resistências – "em máximos". Mas, de modo mais cru, a maioria aceita que essas personalidades não foram escolhidas "apesar dos aspectos limitativos" que apresentavam para o cargo em vista… mas que o foram, em boa parte, em razão deles.

Em que medida se aprendeu com passado tão próximo e tão eloquente? Embora os factores que têm avolumado a ameaça de "provincialização" da Europa estejam longe de ser confundíveis com deficiências e vicissitudes ligadas ao cargo, será muito desejável que a insistência nelas não dê também o seu contributo. Seria gravoso que, em vez de se aprofundarem exigências, num *replay* com que algumas instituições às vezes nos brindam, se estivesse a voltar atrás na matéria. Kaja Kallas – que alguns *media* lançaram como a "dama de ferro do Báltico", e primeiro, sem sucesso, para secretária-geral da NATO – tem várias razões para ser bem conhecida pelos que a apontaram em Bruxelas (ex-primeira-ministra, ela própria filha de ex-primeiro ministro e, sobretudo, vice-presidente e membro da Comissão Europeia durante vários mandatos). Mas para lá da contundência da sua posição em relação à Federação Russa, e de pormenores pessoais e familiares expressivos, pouco se sabe na Europa politicamente acerca dela (até mesmo da polémica situação que a terá fragilizado no seu país, tão longe como no ano passado) e, sobretudo, de como perspectiva as suas missões e iniciativas na "fase geopolítica" em que a presidente pretende situar a comissão. Pois não foi ela que desde o início disse: "A minha comissão será uma comissão geo-política"?

É justamente o lugar a ocupar na comissão – uma das dimensões-chave da figura a preencher – que justifica que o processo de nomeação não esteja concluído e passe ainda pelo Parlamento Europeu. O que é uma boa notícia. Será bom que esse procedimento se revele esclarecedor e não possa vir a dizer-se, de novo, "alto representante, baixa exigência"… como se concluiu, por mais de uma vez, no passado.

Advogado, ex-ministro da Justiça. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Rita Ribeiro
"Há faculdades de Medicina que em vez de terem um tutor para três estudantes, têm um para 15"

SAÚDE Representa os alunos de todas as faculdade de Medicina desde que é presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina. E, como tal, diz que está preocupada com o que se passa no SNS, na formação com incumprimento de horas de estágio, com a sobrecarga de trabalho no caso dos internos, com a existência de menos formadores e com a falta de coordenação entre escolas médicas e hospitais universitários. Os estudantes pensam e discutem o futuro e pedem que lhes deem "alguma esperança" e "motivação".



ENTREVISTA **ANA MAFALDA INÁCIO**

Numa altura em que todos os dias há notícias sobre os constrangimentos no Serviço Nacional de Saúde (SNS), em que os médicos se queixam de excesso de horas de trabalho e da valorização salarial, o que pensam os estudantes de Medicina? A realidade preocupa-vos?
É difícil não pensar no que está a acontecer. A formação médica, tanto a pré-graduada como a pós-graduada, acontece na grande maioria das vezes no SNS e se somos deparados com situações que refletem o défice de recursos humanos, que acaba por ser o principal problema no serviço público, isso afeta a nossa formação. Juridicamente é obrigatório que a nossa formação seja tutorada, supervisionada, porque não temos autonomia, por médicos especialistas e se não os conseguem reter no serviço público é complicado e pode comprometer a nossa formação. Portanto, tem de haver capacidade de retenção de especialistas no SNS. Por outro lado, e como estudantes, temos vindo a defender que tem de haver uma grande coordenação entre o que é o ensino da Medicina – ou seja, a atividade pedagógica – e a atividade clínica, entre as escolas médicas e os hospitais universitários.

O DN noticiou recentemente que os alunos do sexto ano de um hospital universitário, Santa Maria, estariam a ser sobrecarregados nas horas de estágio. Vocês têm conhecimento destas situações? É uma situação transversal a outros hospitais? Compromete a formação?
Não temos queixas de sobrecarga de trabalho. Existe, sim, um incumprimento no número de horas de estágios no caso dos alunos do sexto [ano], mas a verdade é que já existe há algum tempo. As queixas que mais temos são sobre esta descoordenação entre a atividade pedagógica e a clínica. E este vai ser um dos nossos focos de trabalho para o próximo ano letivo, para percebermos exatamente como é que se pode resolver a questão.

"A menor fixação de médicos no SNS implica também menor capacidade de docência e menor capacidade formativa. Por outro lado, se tivermos um aumento no número de estudantes, também teremos um agravamento destes rácios."

Mas há incumprimento sistemático?
Achamos que não há um incumprimento sistemático no número de horas de estágio no sexto ano, que acaba por ser o ano que tem mais contacto com os doentes. Não há propriamente sobrecarga de trabalho porque não temos autonomia, isso passa-se mais com os internos que têm horários de muitas horas, além do que é suposto. Mas isto tem tudo a ver com uma questão de matemática. No ano passado, ficaram por preencher no concurso para as especialidades médicas cerca de 400 vagas. Em Medicina Interna havia 248 vagas, 144 ficaram por preencher e há serviços que estão mais deficitários em recursos do que outros. E quem está nestes serviços acaba por ter mais trabalho, e isso acaba por ter reflexo na formação. No início do ano, os internos ligados ao Sindicato Independente dos Médicos lançaram um estudo para perceber objetivamente e ao nível do país quais eram as dificuldades dos médicos internos e a verdade é que concluíram que existe mesmo excesso de trabalho, trabalho por turnos, privação do sono, o que faz com que tenha reflexos no bem-estar físico e psicológico dos médicos.

Esta sobrecarga de trabalho nos médicos internos preocupa-vos também? A associação a que preside vai fazer alguma coisa no sentido de alertar para a situação?
A nós preocupa-nos muito porque é o nosso próximo passo. Vamos ser internos de uma especialidade. Há muitos anos que vimos a falar da necessidade do planeamento dos recursos humanos. Em julho reunimos com a secretária de Estado e apelámos para que o Ministério da Saúde trabalhe numa estratégia de planeamento de recursos humanos. Em setembro vamos reunir também e vamos voltar a fazê-lo, porque enquanto não tivermos um planeamento a curto, médio e longo prazo – e com a possibilidade de se saber quantos médicos temos e quantos vamos ter e que medidas é que precisamos para os fixar –, não sabemos com o que se pode contar. Mas vamos refletir e debater mais internamente uma outra questão que consideramos importante e que envolve os hospitais universitários e a possibilidade de estes, do ponto de vista de medidas de política de Saúde, poderem ser um modelo de fixação de profissionais de Saúde.

Porquê? Por a falta de médicos nos hospitais universitários estar a comprometer a vossa formação?
Sim. A verdade é que tanto o



ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

ensino médico, como o da enfermagem têm uma forma de trabalhar e de aprender que implica a tutoria de um especialista. Se tivéssemos um tutor para três estudantes, seria melhor do que ter um tutor para 15 estudantes.

É o que acontece agora?

Sim. Em algumas faculdades mais do que noutras, mas é. A ANEM está a atualizar estes dados, e esperamos tê-los prontos em setembro. Há faculdades em que este número é superior e outras que não, depende se têm menos docentes e menos especialistas a realizar formação. A menor fixação de médicos no SNS implica também menor capacidade de docência e menor capacidade formativa. Por outro lado, se tivermos um aumento no número de estudantes também teremos um agravamento destes rácios. Tudo isto está diretamente relacionado com a formação. Se tivermos um tutor que tem X número de doentes e que está só a formar três alunos, estes vão ter maior capacidade para adquirir competências técnicas, o que é bom para os estudantes e é bom para os próprios doentes. Quanto melhor formação tivermos, melhor trataremos os doentes.

"Os estudantes de Medicina continuam a identificar muitas vantagens em estar no SNS, a questão é que é preciso apostar na sua melhoria."

Mas o que defendem é que os hospitais universitários possam ter um estatuto e um plano de fixação de médicos diferente dos outros para que a formação não seja comprometida, é isso?

Têm de ter um estatuto diferente. Por outro lado, e quando se tomam medidas de política de Saúde, estas deveriam ter como base as particularidades do local de ensino. O ensino tem atividades pedagógicas, éticas e clínicas, que precisam de ser garantidas para que a formação seja feita da melhor forma, com sustentabilidade e qualidade. Este é um benefício para os doentes e para o SNS.

Fazem falta mais dois cursos de Medicina?

Na globalidade não. O problema do SNS é a fixação de médicos. A abertura de um curso de Medicina implica que este seja uniformizado com os outros, implica recursos, nomeadamente de médicos nos hospitais para dar formação. Este ano, um grupo de trabalho independente que avaliou as necessidades formativas referiu que estas poderiam ser resolvidas pelo aumento de algumas vagas por ano nos cursos que já existem, que isto seria suficiente. O trabalho que tem sido feito pelas faculdades tem sido nesse sentido, mais vagas de forma a que a qualidade formativa permaneça. A verdade é que, se formarmos sem capacidade de fixação de talento, poderemos estar a formar médicos para exportar ou para fora do SNS, e não dar resposta ao que são as necessidades das populações. Os estudantes de Medicina continuam a identificar muitas vantagens em estar no SNS; a questão é que é preciso apostar na sua melhoria.

Para os alunos de Medicina o que é importante mudar no SNS?

Além das melhorias que poderemos ter na capacidade de garantir uma boa formação complementar, há a progressividade – é uma palavra importante, nomeadamente no que toca à integração do interno na carreira médica –, horários mais adequados e flexíveis, a própria melhoria das instalações das unidades, dos equipamentos médicos e a própria remuneração base, que é um ponto que tem de ser valorizado.

Enquanto estudantes já pensam no que vão fazer, que especialidade e se emigram ou não?

Pensamos e discutimos. Mas enquanto geração valorizamos mais outras coisas no próprio SNS. Valorizamos o acesso a outro tipo de formação e a interligação da vida pessoal com o trabalho, e isto acaba por condicionar as escolhas seguintes, como a da especialidade. Pensamos muito em ficar no SNS, mas queremos muito que haja uma melhoria nas condições de trabalho para que a motivação se mantenha no internato. A questão da emigração estará sempre presente para fazermos estágios e formação, em termos globais será um benefício direto para o país. Estamos fora durante uns anos, mas queremos ter motivação para voltar. E acho que é por aí que temos de caminhar.

Quando se fala na questão de falta de recursos há sempre quem defenda que após a formação os médicos deveriam ficar no SNS durante uns anos. Isto é uma solução para o SNS justa para os médicos?

Os contribuintes contribuem na generalidade para o Ensino Superior, não é só para a Medicina. E a verdade é que quando terminamos o curso, ainda fazemos um internato geral e depois mais o internato da especialidade que dura entre mais quatro a seis anos. Os médicos internos já contribuem com o seu trabalho para o SNS, fazem 40 horas de serviço e às vezes muito mais. Portanto, durante estes anos já existe uma contribuição no serviço público. Não achamos que seja uma medida que responda aos problemas do SNS; o que é preciso fazer é melhorar as condições de trabalho para nos darem alguma esperança no futuro.

anamafaldainacio@dn.pt

Ministra promete prioridade aos Serviços de Obstetrícia

SAÚDE Ana Paula Martins diz que a comissão independente deve apresentar primeiras medidas até meados de setembro. Ontem demitiu-se o coordenador-geral de Obstetrícia da Alfredo da Costa, alegando "elevada sobrecarga de trabalho", com a maternidade a bater recordes de partos.

Num dia em que os problemas nos Serviços de Obstetrícia do Serviço Nacional de Saúde (SNS) ganharam um novo foco de atenção, com a demissão do coordenador-geral do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa (MAC), em Lisboa, a ministra da Saúde prometeu prioridade a esta área dentro da reorganização de serviços prevista no SNS.

"Temos o compromisso de reorganizar a Obstetrícia. Vamos fazê-lo nos próximos meses. Temos uma comissão, é mais uma, é verdade, nomeada para esse efeito, com várias medidas que até meados de setembro serão as primeiras a nos serem apresentadas, depois haverá outras", prometeu ontem Ana Paula Martins, durante uma visita a Tondela, distrito de Viseu, onde inaugurou obras de requalificação de uma Unidade de Saúde Familiar (USF) e um polo de uma Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP).

A ministra, que já na segunda-feira, no Porto, defendera que "a reorganização da Obstetrícia tem de ser feita" e admitira como possível a solução de concentração dos Serviços de Obstetrícia, "caso seja esse o entendimento da comissão independente para o acompanhamento do Plano de Urgência para a Saúde", disse ontem que a reorganização dos Serviços de Obstetrícia "tem fases" e o Governo "está totalmente empenhado, com base nas recomendações [da comissão independente], em encontrar soluções para aquilo que é nascer em segurança em Portugal."

Ana Paula Martins recusou-se a comentar a demissão de Carlos Marques como coordenador-geral do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. O clínico justificou a decisão com o que diz ser uma "elevada sobrecarga de trabalho", numa altura em que a maternidade tem batido recordes de partos.



LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Maternidade Alfredo da Costa viu ontem demitir-se o coordenador de Ginecologia e Obstetrícia.

Ao contrário de outras Urgências de Ginecologia e Obstetrícia na região de Lisboa e Vale do Tejo, a Urgência da MAC – que desde julho conta com um novo bloco de partos – tem trabalhado em contínuo. Já na semana passada, a presidente da Unidade Local de Saúde de São José (em que se insere a MAC), Rosa Valente de Matos, tinha alertado para que o "grande esforço" que os profissionais da MAC estavam a fazer não seria possível manter por muito mais tempo. A MAC tem registado uma média semanal de 442 atendimentos na Urgência em agosto, acima da média de julho (320), e uma média de 13 partos por dia.

> *O Governo "está totalmente empenhado, com base nas recomendações [da comissão independente], em encontrar soluções para aquilo que é nascer em segurança em Portugal."*
>
> ***Ana Paula Martins***
> *Ministra da Saúde*

Plano de Inverno pronto

Ana Paula Martins assumiu ontem também que o Plano de Inverno do SNS está a ser trabalhado com "seis, sete meses" de antecedência, para antecipar os problemas de inverno que são "sempre de grande pressão" nos serviços, em reação a uma notícia avançada ontem pelo DN, que apontava as escalas de Urgência e o planeamento de camas como as prioridades do plano.

"Se o verão é um momento de grande pressão, o inverno é um momento de uma pressão muito maior e ainda mais significativa", disse a governante, adiantando que o Ministério da Saúde, a direção executiva do SNS, a Direção-Geral da Saúde e as Unidades Locais de Saúde (ULS) estão a "trabalhar com seis, sete meses de antecedência para preparar o mais cedo possível" e conseguirem "os melhores resultados possíveis" para as populações.

Questionada sobre a falta de recursos humanos e como é que isso se resolve, a ministra disse que é "exatamente com seis, sete meses de antecedência para perceber quais são as escalas que precisam de maior reforço."

"Naturalmente há sempre um nível de incerteza na Saúde, que não nos permite nunca, isso é completamente impossível, garantir que tudo corre 100%. Agora, se não começarmos a trabalhar com antecedência, não vai correr de certeza", sublinhou.

DN/LUSA

BREVES

Comer carnes e ovos não causou gripe das aves

O consumo de carne de aves e ovos não levou à infeção de humanos com a gripe das aves, esclareceu ontem a Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), acrescentando que estes alimentos só serão retirados dos supermercados se a doença atingir as explorações comerciais. Para a DGAV, a transmissão da doença a humanos por via alimentar "é negligenciável", tendo em conta que os alimentos em causa são, habitualmente, consumidos "devidamente cozinhados". Os casos em humanos de Gripe Aviária de Alta Patogenicidade (GAAP), detetados a nível mundial, estão associados a "contactos diretos e de grande proximidade" com aves infetadas.

FNE quer agosto "livre" para os professores

A Federação Nacional da Educação (FNE) defendeu ontem a antecipação dos vários processos necessários à organização do ano letivo para "libertar os docentes de burocracias em agosto." Num ofício enviado ao Ministério da Educação, Ciência e Inovação, a estrutura sindical apela a uma "melhor calendarização dos processos", para assegurar maior estabilidade aos docentes e às escolas e, também, para evitar "os habituais prejuízos da definição levada a cabo apenas em finais de agosto. Um desses processos é a realização dos concursos interno e externo, cujas listas para o ano letivo 2024/2025 foram conhecidas em julho.

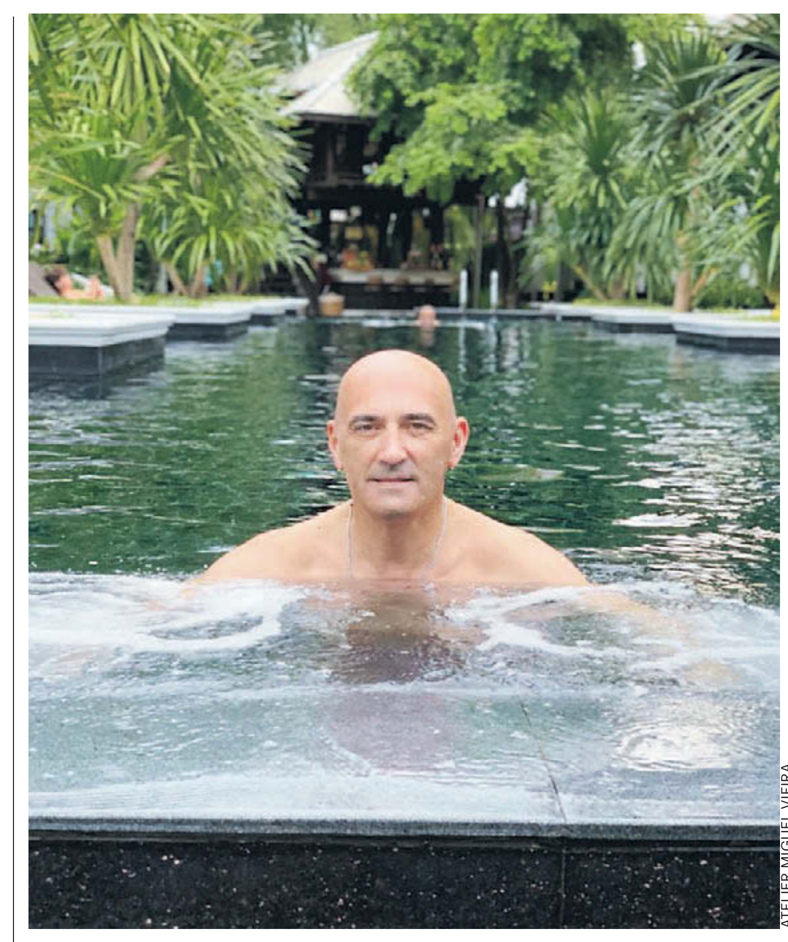
Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Miguel Vieira Estilista

"Gostava de viajar para Portugal no ano 2124, para ver a evolução daqui a 100 anos"

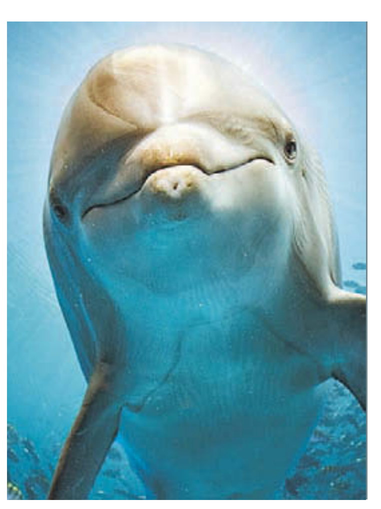
Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Oferecer alimentação a todos os necessitados do planeta
Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Filme : *ATroca*. Série : *Vis a Vis*– Netflix
Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Insetos : grilos e gafanhotos, na Tailândia. Em Portugal : Arroz de cabidela.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Gostava de viajar para Portugal no ano 2124 , para ver a evolução que ira acontecer daqui a 100 anos.
Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Professor Pardal . Acho muito divertidas as suas invenções
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas… não tenho muito jeito para dançar.
Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Um sem-abrigo. A maioria das pessoas não sabe o que é passar necessidades… eu pelo menos não sei.
Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Can U Feel It– Jean Roch.


ATELIER MIGUEL VIEIRA

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Clube dos Poetas Mortos, porque tem ótimas lições de vida.
Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Uma carta de uma reclusa com o numero X em vez do nome próprio, de um estabelecimento prisional, a desabafar o porquê de ter sido presa , e que tinha cometido o "crime" por ter fome e querer também dar de comer aos filhos.
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Golfinho.Quando olho para um golfinho acho que está sempre a "rir" e "feliz".
Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Um brigadeiro de chocolate.
Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia Nacional da Moda de Autor. Só sendo permitido, nesse dia, adquirir peças Portuguesas.
Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Não fazer nada.



Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Papa Francisco.
Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Um dia um casal ter-me pedido para tirar uma fotografia, e eu abraçar-me à senhora. O marido com uma cara, quase a " matar me", pois a ideia era eu tirar a foto ao casal… pensei que a senhora queria tirar uma foto comigo . Eles nem me conheciam…
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Os meus gatos. Teríamos uma longa conversa...
Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Decorar uma mesa para um jantar, geralmente digo sempre que foi um profissional que preparou a mesa…
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Preto, pela sua "elegância".
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Bom dia, boa tarde ou boa noite a qualquer pessoa com quem me cruze, num espaço onde estejamos perto um do outro/os .
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Viajar no tempo.



Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Quando comprei o primeiro telemóvel (tipo tijolo, *hahaha*), mandei instalar um sistema de alta-voz, que tinha tantos fios, tantos fios… que eu achava sempre que ia ficar eletrocutado.
Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Bacalhau, que dá para confecionar de 1001 maneiras.
Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Quando estava no hospital, com um tumor numa perna aos 14 anos , fiz muitas operações e, antes dos tratamentos e operações , "obrigava" os médicos , enfermeiros e auxiliares a comprarem, pulseiras e colares que eu fazia, para me ocupar , em arame e missangas.
Se fosse um meme, qual seria?
Eu com cara de zangado *à séria*.
Qual seria o título da sua autobiografia?
A Joia de Pessoa Que Sou… hahahaha.
Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Super Mario.
Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Quem mal anda… Mal acaba
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Participava, como jogador, num jogo de futebol da Sanjoanense contra o Real Madrid , e desviava as bolas , fazendo com que o Sanjoanense ganhasse por 10 a 0.
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Com a Inteligência Artificial aprendo todos os dias coisas novas.

TGV. País tem dois anos para provar que bitola europeia não compensa

FERROVIA Para avançar com a construção das linhas de alta velocidade como planeado, com os carris na modalidade ibérica, Portugal terá de apresentar a Bruxelas um estudo socioeconómico a demonstrar que a bitola europeia não traz vantagens, segundo novo regulamento europeu.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**


As novas linhas de alta velocidade em Portugal serão construídas em bitola ibérica, mas com travessas polivalentes.

Portugal não está obrigado a construir as linhas de alta velocidade em bitola europeia. O país tem dois anos para provar que não há benefícios sociais e económicos em utilizar a distância entre carris de 1435mm em vez do padrão ibérico, de 1668mm. A exceção consta do novo regulamento para as redes transeuropeias, que entrou em vigor no passado dia 18 de julho e que interfere nas novas linhas Porto-Lisboa, Porto-Vigo e Lisboa-Évora.

Até 19 de julho de 2026, Portugal tem de submeter à Comissão Europeia "uma avaliação que indique as linhas ferroviárias existentes situadas nos corredores europeus de transporte, tendo em vista a eventual migração destas para a bitola nominal da norma europeia de 1435 mm". O documento "deve incluir uma análise dos custos e benefícios socioeconómicos quanto à viabilidade da possível migração" e uma "avaliação do impacto" da alteração na interoperabilidade, isto é, na possibilidade de um mesmo comboio circular em vários países sem necessitar de grandes alterações.

A mesma análise tem de ser feita no caso de o país "não construir novas infraestruturas ferroviárias em conformidade com a bitola nominal da norma europeia de 1435 mm e uma avaliação do impacto na interoperabilidade". O processo terá de ser coordenado com Espanha para os troços ferroviários que envolvem os dois países.

No máximo um ano depois de submetida a avaliação, Portugal tem de indicar as linhas que se situam nos corredores transeuropeus e qual deve ser o calendário da migração. A partir dos dois documentos, a Comissão Europeia pode conceder uma isenção temporária a Portugal, caso seja negativa a análise dos custos e dos benefícios socioeconómicos de uma eventual construção das novas linhas, logo à partida, em bitola europeia.

O pedido de isenção será avaliado à luz da justificação apresentada, bem como, se for caso disso, em termos do seu "impacto significativo na interoperabilidade e na continuidade da rede ferroviária". Bruxelas pode pedir mais dados 30 dias depois de Portugal entregar o pedido de isenção. Se não for suficiente, há ainda um segundo pedido adicional de informação, no prazo de 30 dias a contar da data de receção dos elementos. Findo este período, será preciso esperar, no máximo, seis meses, para a decisão final da Comissão Europeia. A isenção é temporária embora não esteja definido por quantos anos.

Portugal, até agora, não apresentou qualquer análise socioeconómica junto da Comissão Europeia, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, com Espanha e a Finlândia. O país escandinavo recusa a migração da bitola russa para a medida-padrão, porque os custos seriam superiores aos benefícios. O DN/Dinheiro Vivo ficou sem resposta ao pedido de esclarecimento feito junto do Ministério das Infraestruturas.

As novas linhas de alta velocidade em Portugal serão construídas em bitola ibérica, mas com travessas polivalentes, já prevendo uma eventual migração da distância entre carris para o padrão europeu, que depois também obrigaria a trocar todos os aparelhos de mudança de via. Com a bitola ibérica, um comboio proveniente de Porto-Campanhã pode seguir diretamente até Lisboa ou então fazer paragens intermédias em Aveiro e Coimbra.

Na proximidade destas estações serão construídas variantes em bitola ibérica para que seja feita a passagem entre a nova linha e a Linha do Norte. A alta velocidade em bitola ibérica já existe em Espanha, nas ligações Ourense-A Coruña-Vigo e entre Madrid e Badajoz. Neste caso, os operadores teriam de comprar comboios com eixos variáveis, já admitindo uma futura mudança para a bitola ibérica.

Se a linha fosse feita na medida-padrão, a variante para aceder a Aveiro teria de ter um terceiro carril nas vias colocadas em bitola ibérica e o acesso a Coimbra obrigaria ao uso da bitola europeia, aumentando custos de manutenção.

A opção também dificultaria a realização de serviços híbridos (34 das 60 viagens estimadas Porto-Lisboa) entre a linha de alta velocidade e a restante rede convencional. Seria uma "ilha ferroviária" dentro da rede portuguesa a não ser que fossem instalados vários intercambiadores ao longo da nova linha e que fossem comprados comboios com eixos variáveis.

Ministro sem explicação

A alta velocidade em Portugal implica a compra de novos comboios. A CP conta que ainda este ano seja autorizada a lançar o concurso: a empresa pública propôs ao anterior Governo a encomenda de 16 unidades por 578 milhões de euros, recorrendo a um empréstimo bancário, ou seja, sem apoio do Estado. Mas o agora ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz, discorda do plano: "Não é nossa visão que a CP venha a operar em monopólio a alta velocidade, nem sequer em posição maioritária. A visão do PS era comprar comboios para [a CP] ter uma quota de mercado de perto de 80%", referiu o governante em julho, durante uma audição parlamentar.

Em países com concorrência na alta velocidade, o operador do Estado tem sempre mais de metade da quota de mercado: em Espanha, no final de 2023, a Renfe tinha mais de 50% dos passageiros nos cinco principais corredores de alta velocidade apesar de concorrer com a Iryo (com a empresa estatal Trenitalia como maior acionista, com 45%) e a Ouigo (subsidiária da ferroviária pública francesa, SNCF); em Itália, a Trenitalia também lidera o mercado apesar da concorrência da Italo (empresa totalmente privada).

O DN/Dinheiro Vivo procurou perceber como Pinto Luz tinha concluído que a CP poderia ter perto de 80% da quota de mercado com a compra de 16 com-



boios. "Além do que foi dito pelo senhor ministro das Infraestruturas e Habitação na Comissão Parlamentar, neste momento, não há mais nada a acrescentar", respondeu o gabinete de Pinto Luz. Também o PS enviou perguntas ao governante no dia 30 de julho, que aguardam retorno.

A transportadora pública terá igualmente ficado surpreendida com as palavras do ministro, segundo o jornal *Público*.

As declarações foram feitas no mesmo dia em que a B-Rail (grupo Barraqueiro) reforçou o compromisso de entrar na alta velocidade, com a encomenda de oito comboios por 300 milhões de euros, em entrevista ao *Jornal de Negócios*. A empresa apenas poderá concorrer com a CP a partir de 2029. Mas o ministro não vê isso com bons olhos: "Tenho tido reuniões sucessivas com um dos operadores para acelerar a sua entrada. Não se coaduna com esperar por quatro ou cinco anos".

O mercado ferroviário está liberalizado desde 2019, ao abrigo do 4.º Pacote Ferroviário da União Europeia. Qualquer empresa pode constituir-se como operador ferroviário, desde que obtenha uma autorização de segurança por parte da Autoridade Nacional de Segurança Ferroviário (IMT) e que não seja posto em causa o equilíbrio económico do contrato de serviço público da CP, num teste feito pela Autoridade da Mobilidade e dos Transportes.

Além da B-Rail, a Iryo e a Renfe estão interessadas no mercado do lusitano. Para garantir a entrada de vários operadores, Portugal terá de dar garantias de longo prazo relativamente à bitola da alta velocidade, permitindo a encomenda atempada de material circulante e que o investimento tenha retorno após décadas de viagens. Assim o país consiga acertar tudo sobre carris junto da Comissão Europeia.

geral@dinheirovivo.pt



Opinião
Luís Tavares Bravo

Voltar a ser um país para jovens

Um dos problemas com que Portugal se debate é a frágil dinâmica demográfica da população – uma tendência não muito diferente da da União Europeia, e que é fruto de uma série de fatores estruturais, como o aumento da esperança média de vida, e também pela queda acentuada das taxas de natalidade.

Esta tendência tem tido repercussões na dimensão da população ativa, e tem vindo a suportar a abertura à entrada de imigrantes, que têm sido cada vez mais relevantes nos equilíbrios necessários no mercado de trabalho, assim como na viabilização do modelo do Estado Social que suporta a nossa sociedade – em Portugal, os nascimentos de crianças com mães residentes, mas de nacionalidade estrangeira representam atualmente cerca de 22% do total de novas vidas anuais.

No entanto, se as alterações dos padrões de taxas de natalidade dos portugueses, ou do aumento da esperança de vida são evidências que porventura são mais complexas de contrariar por medidas de política pública – por uma série de condicionantes relativas à vida moderna, como a qualidade dos cuidados de saúde, que permitem que se viva mais tempo, ou melhor planeamento familiar, que leva a que também as famílias possam gerir a sua vida com equilíbrio entre filhos e objetivos profissionais –, já a fuga de jovens portugueses para o estrangeiro é uma conversa diferente.

E a fuga de talento jovem é, neste momento, um problema que é incontornável para Portugal. Neste momento, cerca de 30% dos jovens nascidos em Portugal com idades compreendidas entre 15-39 anos vivem fora do país, de acordo com uma estimativa do Observatório para a Emigração – sendo a mais alta taxa de imigração da Europa e uma das mais elevadas do mundo.

Ainda de acordo com esta análise, cerca de um terço das mulheres em idade fértil está fora de Portugal, e isto é evidentemente uma situação que tem impacto nas dinâmicas demográficas do país, assim como na produção de talento qualificado para a economia nacional.

Na raiz deste êxodo massivo está obviamente uma distorcida realidade de oásis, em que o nosso país esteve mergulhado durante quase uma década em termos de políticas públicas. Portugal, na verdade, não chegou a ultrapassar a austeridade, apesar dessa ilusão ter sido criada em termos de narrativa política.

As reformas estruturantes não existiram, pelo menos numa dimensão que permitisse que as empresas criassem valor para pagar melhores salários. E os jovens, é hoje evidente para todos, foram dos mais prejudicados pela estagnação da última década, coadjuvada obviamente pela estrutural fragilidade da economia portuguesa face as restantes economias europeias.

E assim hoje, e de acordo com um estudo recente – publicado em abril – do grupo de investigação do SINLab , cerca de 65,6% dos jovens portugueses recebe menos de 1000 euros líquidos por mês, e que mais de metade destes (52%) recebem cerca de 725 euros mensais.

Noutra nota, o Observatório do Emprego Jovem do ISCTE estima que, aos 25 anos, os jovens portugueses ganham 70% do ordenado médio da União Europeia.

Por fim, Portugal é terceiro país da União Europeia que detém mais contratos a prazo, dificultando ainda mais o acesso a estabilidade no emprego que permita, por exemplo, constituir família e adquirir casa própria.

Ou seja, todas estas convergências tornaram Portugal um país com mercado de trabalho muito envelhecido – metade dos trabalhadores têm entre 44 e 64 anos – e que poderá ser estruturalmente dependente de mão-de-obra estrangeira.

Nesta frente existem desafios políticos de monta. Se é certo que a imigração, onde também há muito trabalho a fazer em termos de organização de quem vem para o país, será relevante para inverter o inverno demográfico nacional, também é ainda mais relevante reter e recuperar Portugal para que parte destes jovens voltem ao país. E isso tem de começar pelas bases, ou seja, dinamizar e reformar a economia empresarial, criando condições às empresas para que possam pagar melhor, e para que os jovens possam ter incentivos a criarem o seu próprio posto de trabalho assim que terminam os estudos.

Os incentivos de capital aos projetos de potencial empresarial dentro da universidade podem ser uma forma de o fazer. Portugal precisa muito de empresários e de alimentar aos nossos jovens a ambição de construírem o seu próprio caminho. E se tiverem condições de apoio na altura certa, pode bem ser uma – obviamente não a única – razão relevante para acreditarem no seu país, e quem sabe, serem, a prazo, os futuros gigantes da economia nacional.

Economista, Presidente do Internacional Affairs Network


CHARLY TRIBALLEAU / AFP

O ex-presidente Barack Obama e a mulher, Michelle Obama, foram as estrelas da segunda noite da convenção.




Hillary Clinton não conseguiu quebrar o "teto de vidro". Agora é a vez de Harris.

MANDEL NGAN / AFP

Negros, mulheres e com curso superior. A fórmula que Harris terá de afinar se quiser vencer Trump

EUA Além de garantir o apoio dos mesmo grupos de eleitores de Joe Biden há quatro anos, a democrata tem de melhorar entre os latino e os brancos sem educação universitária. Convenção é oportunidade de se dirigir a todo o eleitorado.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

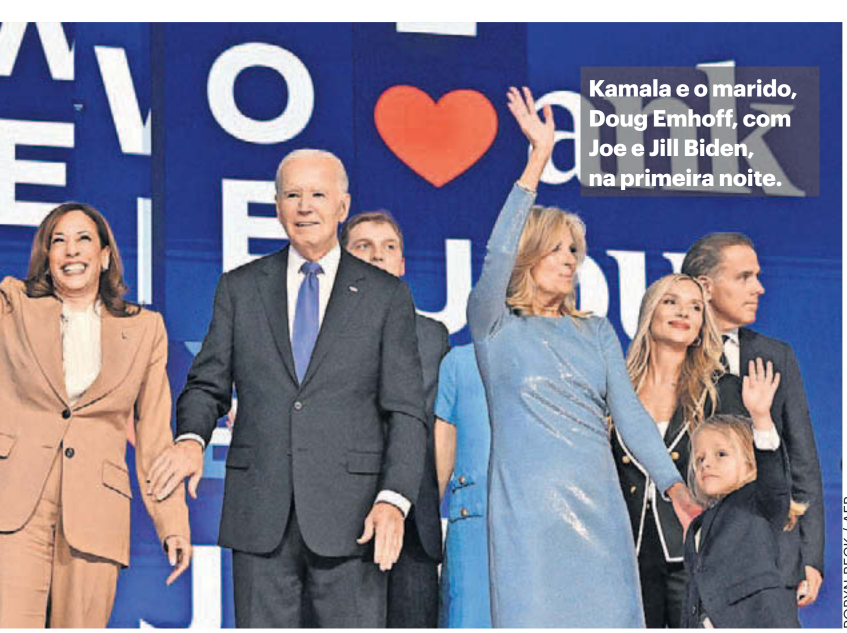
Há quatro anos, Joe Biden venceu as Presidenciais dos EUA porque voltou a unir o Partido Democrata, manteve um apoio elevado entre os afro-americanos, foi capaz de apelar ao centro e conquistar independentes, continuou a ter as mulheres do seu lado e recuperou parte do voto masculino que Hillary Clinton tinha perdido em 2016, além de reforçar a votação entre os eleitores com mais educação.

Esta foi a conclusão de um estudo do Pew Research Center em 2021 e esta é uma fórmula que Kamala Harris terá de afinar, se também quiser derrotar Donald Trump – melhorando também entre os eleitores latinos e os que não têm curso superior. "Não se deixem enganar, será uma luta", disse o ex-presidente Barack Obama na Convenção Democrata, em Chicago, avisando que a corrida será renhida, para lá do recuperado entusiasmo após a desistência de Biden.

Desde Bill Clinton, em 1992, e com exceção de George W. Bush, em 2004 (no rescaldo dos atentados do 11 de Setembro), que os democratas têm vencido sempre o voto popular nas Presidenciais. Mas nos EUA as eleições são indiretas, servem para escolher os membros do Colégio Eleitoral, razão pela qual Bush, em 2000, e Trump, em 2016, acabaram na Casa Branca apesar de terem tido menos votos a nível nacional do que Al Gore e Hillary Clinton.

Uma das razões da vitória de Biden em 2020 passou pela elevada participação – 66,6%, mais 6,5 pontos percentuais do que nas Presidenciais de 2016. O democrata conseguiu 81 milhões de votos, mais 15 milhões do que Hillary quatro anos antes, sendo que o próprio Trump também melhorou o resultado, ganhando mais 12 milhões de votos.

A vitória de Harris dependerá da capacidade da atual vice-presidente de mobilizar o partido e os seus eleitores. Um mês depois de Biden ter desistido da corrida a seu favor, o cenário parece hoje mais favorável, com o entusiasmo a traduzir-se no registo de um maior número de eleitores democratas ou, dos que se registaram como independentes, de jovens e mulheres – o que poderá também ser boas notícias para Kamala. Eleitores que não pareciam mobilizados com Biden, que em 2020 tinha sido capaz de recuperar votos democratas que em



Kamala e o marido, Doug Emhoff, com Joe e Jill Biden, na primeira noite.

ROBYN BECK / AFP



O candidato a vice de Kamala, Tim Walz.

KAMIL KRZACZYNSKI / AFP

2016 tinham ido para terceiros partidos (conquistaram mais de cinco milhões de votos).

"Esta eleição será renhida. Em alguns estados, apenas alguns votos em cada círculo eleitoral podem decidir o vencedor. Por isso, precisamos de votar em números que eliminem qualquer dúvida", lembrou a ex-primeira dama Michelle Obama no palco da convenção. "Vamos trabalhar como se as nossas vidas dependessem disso", apelou na segunda noite da convenção (já madrugada de ontem em Lisboa).

> *"Esta eleição será renhida. Em alguns estados, apenas alguns votos em cada círculo eleitoral podem decidir o vencedor. Por isso, precisamos de votar em números que eliminem qualquer dúvida."*
>
> **Michelle Obama**
> *Ex-primeira dama dos EUA*

Eleitores afro-americanos

Obama, o primeiro presidente negro dos EUA, conseguiu nas eleições de 2008 um recorde de 95% dos votos dos afro-americanos. Biden, há quatro anos, alcançou os 92% – apesar de receios democratas de que os homens negros iriam apoiar Trump. Segundo as sondagens, Kamala, que quer ser a primeira mulher – ainda para mais negra e de ascendência indiana – na Casa Branca, está a sair-se melhor entre o eleitorado negro do que Biden.

Os afro-americanos representaram só 11% do eleitorado há quatro anos, mas são cruciais para os democratas. Os eleitores brancos constituem o maior bloco – eram 72% nas eleições de 2020, segundo o Pew Research Center – embora a sua percentagem tenha diminuído drasticamente nas últimas décadas.

Em relação ao voto latino – são cerca de 36 milhões de potenciais eleitores e representam 15% do eleitorado –, Trump conseguiu ganhar a Biden muitos votos dentro desta minoria, apesar das suas políticas anti-imigração. Teve um em cada quatro votos latinos, quando quatro anos antes Hillary tinha conquistado 81% desses eleitores e Trump apenas 16%.

Existe margem de manobra para Harris melhorar, sendo que nas sondagens ela está a fazer melhor do que Biden estava até desistir, parecendo ter travado uma sangria de votos latinos para Trump. Os analistas dizem que a vice-presidente, que é da Califórnia, onde os latinos são o maior grupo étnico, precisará do voto de dois terços destes eleitores para conseguir ganhar e que ainda não está nesse patamar.

A congressista Alexandria Ocasio-Cortez, que pertence à ala mais à esquerda do partido, discursou na primeira noite da convenção, mas não falou para os latinos, como ela. Ainda assim teve direito a falar em *prime time*, ao contrário de há quatro anos, então estrela em ascensão, quando só lhe foram dados 90 segundos em vídeo para falar – e ela apoiou o senador Bernie Sanders e ignorou Biden. Este *upgrade* também parece mostrar um Partido Democrata sem medo das vozes mais radicais – apesar de ela já não ser tão radical como antes, tendo sido criticada por só dizer que Harris "está a trabalhar arduamente para garantir um cessar-fogo em Gaza e garantir a libertação dos reféns".

Centro e independentes

A necessidade de conquistar eleitores ao centro é outro dos desafios de Kamala, se quiser entrar na Casa Branca pela porta grande. Uma tarefa difícil num panorama político que parece cada vez mais extremado, mas onde um número recorde de 51% de eleitores se identificam como independentes – segundo uma sondagem Gallup. E 70% deles acreditam que ambos os partidos, o Democrata e o Republicano, são "ideologicamente demasiado extremos".

Biden, que discursou na primeira noite da convenção, fez dez pontos melhor do que Hillary entre os independentes em 2020, além de ter também melhorado o registo da ex-secretária de Estado entre os republicanos moderados e liberais. Com o Partido Republicano cada vez mais à imagem de Trump, Harris poderá tentar aventurar-se entre os seus eleitores desiludidos.

"O *Grand Old Party* foi sequestrado por extremistas e transformou-se num culto", disse no palco da convenção democrata o autarca de Mesa (Arizona), John Giles, explicando que o falecido senador John McCain (adversário de Obama em 2008) era o seu herói. "O Partido Republicano de John McCain desapareceu", lamentou. E não foi o único republicano anti-Trump em Chicago. Harris poderá chegar aos eleitores conservadores que são contra o ex-presidente, mas que também não se viam a votar em Biden. Muito depende do programa que apresentar e do impacto que tiver o seu discurso desta noite, que fecha a convenção.

Há quatro anos, Biden recuperou parte do voto masculino que Hillary tinha perdido – o sexismo foi um problema na campanha da ex-primeira dama que tinha como *slogan* "*I'm with her*" (estou com ela) – e manteve o bom resultado que os democratas costumam ter entre o eleitorado feminino.

Hillary foi uma das estrelas do primeiro dia da convenção, dizendo que ela não quebrou o "teto de vidro", mas que acredita que Harris o fará e se tornará a primeira mulher presidente.

Mas a própria candidata não quer centrar a discussão nas questões de género, preferindo focar-se no seu historial e nas políticas. A posição a favor de uma proteção federal do aborto, indo mais longe do que Biden, deverá ajudar Harris a consolidar o voto feminino – pelo menos das mulheres que não são pró-vida.

Educação

Outro fator de divisão entre os eleitores prende-se com a Educação. Apesar de inicialmente ser visto como o partido das elites, o Partido Republicano tem vindo a perder terreno para o Democrata no que diz respeito aos eleitores com cursos superiores – enquanto ganha apoio entre a classe trabalhadora que não estudou na universidade. Dos 35% de norte-americanos com um curso, 61% votaram em Biden em 2020, enquanto 53% dos que não têm um curso optaram por Trump.

Tendo à partida garantido o apoio daqueles com Educação Superior, Harris tem de procurar reconquistar também o dos que não frequentaram a universidade. Biden, no seu discurso, mostrou-se orgulhoso de ter sido o primeiro presidente a participar num piquete de greve. Também a escolha do governador do Minnesota, Tim Walz, como candidato a vice-presidente servirá para atrair eleitores brancos, das zonas rurais, mas também dos arredores das grandes cidades.

susana.f.salvador@dn.pt

Do vidro à prova de bala à fronteira: Trump atrás da ribalta

Na semana da Convenção Democrata, o candidato republicano não está frente à televisão a assistir aos ataques diários que saem de Chicago. Donald Trump tem estado a fazer campanha nos chamados *swing states* (que tanto votam num como noutro partido), tendo ontem tido o primeiro comício ao ar livre desde a tentativa de assassinato de que foi alvo na Pensilvânia. O ex-presidente discursou para a multidão atrás de um vidro à prova de bala em Asheboro, Carolina do Norte, e hoje visitará a fronteira-sul, em Cochise County, no Arizona, procurando atacar os registos da Administração de Joe Biden e Kamala Harris no que diz respeito à imigração.

Com a campanha republicana a ressentir-se da nova energia que a vice-presidente trouxe para a corrida, e na semana em que os holofotes estão virados para a convenção em Chicago, Trump fez-se à estrada à procura da ribalta. Na segunda-feira discursou numa fábrica na Pensilvânia para falar de economia, na terça no gabinete do xerife de Livingston County, no Michigan, para falar de crime. Ontem, regressou aos grandes comícios ao ar livre (rodeado de medidas de segurança reforçadas), prometendo fazer um "investimento histórico" nas Forças Armadas. Hoje, estará na fronteira-sul, para falar de imigração ilegal.

Os republicanos criticam Biden pelo número recorde de entradas ilegais – a caminho dos dez milhões em quatro anos – e apontam o dedo a Harris. Alegam que a vice-presidente foi nomeada "czar da fronteira" para resolver o problema, quando na realidade ela foi encarregada de lidar com as causas da imigração ilegal nos países de origem, tendo trabalhado com os países da América Central. **S.S.**


MAHMOUD ZAYYAT / AFP

Palestinianos mostram retrato de Khalil Maqdah, morto em Sídon, no sul do Líbano.

Ataque à Fatah para travar influência iraniana

MÉDIO ORIENTE Israel ataca liderança do braço armado do movimento palestiniano, que acusa Telavive de querer guerra na região.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Um dirigente das Brigadas dos Mártires de al-Aqsa, grupo terrorista considerado o braço armado do movimento palestiniano Fatah, foi morto num ataque coordenado pelas Forças Armadas israelitas e pelo Serviço de Segurança Shin Bet em Sídon, no sul do Líbano. O assassínio aconteceu no mesmo dia em que o Irão disse não ter pressa para retaliar contra Israel, até para não pôr em risco a hipótese de cessar-fogo em Gaza. Também sobre o possível acordo de compromisso, o presidente norte-americano falou com o primeiro-ministro israelita após uma viagem do seu secretário de Estado à região.

A Fatah confirmou que Khalil Maqdah morreu quando viajava de automóvel perto de Sídon. Numa declaração conjunta, as Forças Armadas israelitas e o Shin Bet alegaram que Khalil e o seu irmão Munir (chefe das Brigadas no Líbano) têm trabalhado com os Guardas da Revolução iranianos para transferir dinheiro e armas para células terroristas na Cisjordânia. Em março, o Shin Bet apontou o dedo a Munir Maqdah ao revelar ter impedido a tentativa do Irão de contrabandear armas avançadas para a Cisjordânia.

A Fatah, liderada pelo presidente da Autoridade Palestiniana Mahmud Abbas, criticou a iniciativa das forças israelitas. "O assassínio de um oficial da Fatah é mais uma prova de que Israel quer desencadear uma guerra em grande escala na região", disse Tawfiq Tirawy, membro do comité central da Fatah, à AFP. Este ataque é o primeiro a um membro ligado àquele movimento palestiniano, desde 7 de outubro, e dos confrontos diários entre o exército israelita e o Hezbollah, no sul do Líbano. O grupo xiita lançou mais de 50 foguetes contra a cidade de Katzrin, nos Montes Golã ocupados por Israel, tendo causado ferimentos ligeiros num homem e danos em habitações. O ataque ocorreu em resposta a uma série de ataques aéreos israelitas no Líbano que visaram paióis do Hezbollah.

> Missão diplomática iraniana nas Nações Unidas explicou que a represália a Israel deve ser "calibrada" para não pôr em causa possível cessar-fogo em Gaza.

Com a viagem do secretário de Estado Antony Blinken a Israel, Egito e Qatar terminada sem um calar das armas, Joe Biden telefonou a Benjamin Netanyahu para discutirem "o acordo de cessar-fogo e de libertação de reféns e os esforços diplomáticos para diminuir as tensões regionais", afirmou a Casa Branca em comunicado.

À Associated Press, fontes diplomáticas egípcias mostraram ceticismo sobre a proposta de compromisso levada à mesa. Ainda assim, o Irão – apoiante do Hamas –, que tem vindo a alertar para a inevitável represália para "punir" Israel após o assassínio do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, quando este se encontrava em Teerão, defende que o ataque "deve ser cuidadosamente calibrado para evitar qualquer possível impacto adverso que possa influenciar um cessar-fogo em perspetiva", disse a missão do Irão nas Nações Unidas.

cesar.avo@dn.pt

Borrell junta a voz a Zelensky pelo fim das restrições de armas de longo alcance

GUERRA NA UCRÂNIA Chefe da diplomacia europeia diz que decisão tornaria a paz mais próxima.

A Ucrânia não tem meios para deter o avanço russo no leste do país. A incursão na região russa de Kursk, além dos objetivos proclamados da criação de uma "zona tampão" e de reunir o maior número possível de prisioneiros de guerra, é também ou sobretudo uma tentativa para forçar Moscovo a responder com a transferência de homens da zona de combate para a região alvo de invasão. Até agora, as chefias russas não deram quaisquer sinais de que irão fazê-lo, preferindo capturar mais terreno no Donbass. A única forma de poder bloquear as tropas russas, argumentou Volodymyr Zelensky, na segunda-feira, e agora Josep Borrell, é através da utilização de armas de longo alcance para destruir alvos militares em território russo.

Para o chefe da diplomacia europeia, o levantamento das restrições contra as forças militares russas, desde que "em conformidade com o direito internacional", teria vários "efeitos importantes", disse no X após conversa com o ministro dos Negócios Estrangeiros ucraniano, Dmytro Kuleba. Antes de mais, negando à Rússia um "refúgio" para os seus ataques e bombardeamentos de cidades e infraestruturas ucranianas, logo "salvar vidas e reduzir a destruição na Ucrânia" e por fim "ajudar a fazer avançar os esforços de paz." Borrell disse que o assunto iria ser discutido nas reuniões dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa da UE, que se realizam na próxima semana em Bruxelas, com a presença de Kuleba.

Kiev recebeu mísseis aéreos e terrestres dos EUA, Reino Unido e França, que podem atingir até 320km de distância, mas as restrições à utilização destes mísseis no interior da Rússia mantêm-se. Em maio, perante uma segunda tentativa de invasão russa em Kharkiv, Emmanuel Macron anunciou que os mísseis franceses Scalp podiam ser usados em território russo, embora não haja notícia do seu uso. No entanto, a versão britânica (Storm Shadow) continua bloqueada. Segundo fonte da Defesa britânica, em declarações ao *The Telegraph*, são os EUA que estão a impedir o seu uso – Sabrina Singh, porta-voz do Departamento de Defesa, mostrou publicamente que Washington teme o avolumar da guerra. Ainda assim, há indicações de que os EUA estão a trabalhar para que os F-16 venham a receber o míssil JASSM, capaz de atingir alvos a mais de 300km. **C.A.**


GENYA SAVILOV / AFP

Rússia continua campanha de destruição e conquista no Donbass.

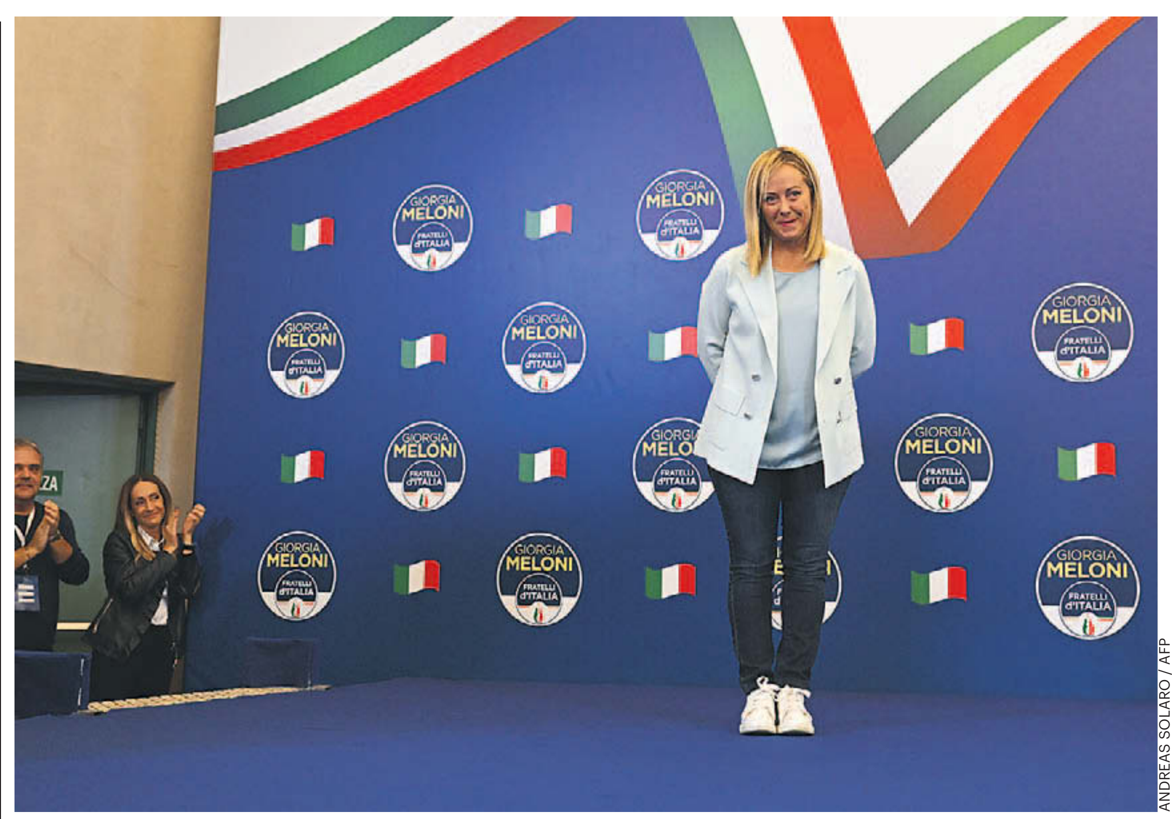
"Jogadas mesquinhas." Meloni ataca opositores por causa da irmã

ITÁLIA Arianna, que foi nomeada há um ano líder do secretariado político do Irmãos de Itália, é suspeita de ter influenciado nomeações em empresas públicas como a RAI. Direita diz que o ex-primeiro-ministro Matteo Renzi está envolvido numa conspiração para atingir Giorgia Meloni.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A mais recente controvérsia envolvendo Giorgia Meloni e a sua família teve início no domingo com o editorial do jornal de direita *Il Giornale*, no qual o editor-chefe Alessandro Sallusti, denunciava "Eles querem investigar Arianna Meloni", numa referência à líder do secretariado político do Irmãos de Itália e irmã mais velha da primeira-ministra italiana. A governante considerou as acusações feitas no texto como "plausíveis" e descreveu a situação como "extremamente grave, a ser verdade".

No editorial é defendido que "a habitual aliança entre jornais, a esquerda e o judiciário" estão a conspirar contra Arianna Meloni, sublinhando ainda que este triângulo tem o poder de "alterar o curso da democracia". Em causa estão notícias de que a irmã da primeira-ministra terá orquestrado reuniões para decidir nomeações para cargos em empresas públicas como a emissora nacional RAI e a Trenitalia, a principal companhia de transporte ferroviário italiano.



Giorgia Meloni é aplaudida pela irmã Arianna na noite em que venceu as Legislativas italianas.

ANDREAS SOLARO / AFP

Suspeitas que levaram o Itália Viva, força de centro-esquerda liderada pelo ex-primeiro-ministro Matteo Renzi, a apresentar dois inquéritos parlamentares sobre o assunto. No seu editorial no diário *Il Giornale*, Alessandro Sallusti refere-se a Renzi, sugerindo que o ativismo que este mostrou nesta questão sugere uma "operação secreta", escrevendo ainda que esta é uma área na qual Renzi "sempre se destacou". O ex-primeiro-ministro, em declarações ao jornal *La Repubblica*, rejeitou a ideia de estar a orquestrar conspirações com magistrados e jornalistas como "uma piada que não tem graça".

Giorgia Meloni fez uma pausa nas suas férias para se pronunciar sobre esta polémica em torno da irmã Arianna, tendo dito à agência ANSA considerar as alegações apresentadas no editorial do *Giornale* como "plausíveis" e descrevendo a situação como "extremamente grave a ser verdade".

"É um esquema que tem sido repetidamente visto, em particular contra o [ex-primeiro-ministro] Silvio Berlusconi: um sistema de poder que utiliza qualquer método e qualquer expediente para derrotar um inimigo político que vence uma competição democrática nas urnas", afirmou a líder do Governo italiano.

E Meloni prosseguiu dizendo que "depois de vasculharem a minha vida e a de todas as pessoas próximas, sem encontrar nada", "a pior" forma de política é usar "jogadas mesquinhas e desesperadas" como a que acredita estar a acontecer agora contra a irmã mais velha.

Na opinião da primeira-ministra italiana, se tais alegações fossem confirmadas, e "eles passassem para campanhas difamatórias e à elaboração de teorias na esperança de alguma investigação fantasiosa contra pessoas próximas de mim, começando pela minha irmã Arianna, seria muito grave". Por outro lado, refere ainda Giorgia Meloni, "seria também um bom sinal", porque significaria que "estamos a desmantelar um sistema de interesses que mantém a Itália refém há demasiados anos".



Arianna Meloni
Líder do secretariado político do Irmãos de Itália

Esta não é a primeira vez que a família de Giorgia Meloni é notícia. Em agosto do ano passado nomeou a irmã líder do secretariado político do Irmãos de Itália e o ministro da Agricultura do seu Governo é o cunhado Francesco Lollobrigida. Também em agosto do ano passado, Giorgia decidiu processar Brian Molko, vocalista dos Placebo, que lhe chamou "racista" e "fascista" num concerto que a banda deu em Itália, enquanto Arianna apresentou queixa contra um cartoonista que a desenhou na cama com um homem negro. No *cartoon*, o homem pergunta a Arianna "então e o teu marido?", ao que ela responde: "Não te preocupes, ele passa dos dias a lutar contra a substituição étnica."

ana.meireles@dn.pt

BREVES

Motins no Reino Unido: acusado paquistanês

Um paquistanês foi presente a um tribunal de Lahore para ser acusado de ciberterrorismo, depois de alegadamente ter difundido desinformação no seu *site* Clickbait, o qual terá sido o rastilho para os motins de vários dias da extrema-direita britânica contra a imigração. O engenheiro de *software* Farhan Asif, de 31 anos, foi acusado de publicar um artigo no seu *site* Channel3Now, no qual afirmou falsamente que um requerente de asilo muçulmano era o suspeito do ataque com uma faca que matou três crianças (uma delas portuguesa) em Southport. As investigações iniciais indicam que a única intenção de Asif era ganhar dinheiro através de conteúdos para obter tráfego na página.

Juízes mexicanos em greve

Centenas de juízes mexicanos aderiram a uma greve de trabalhadores judiciais em protesto contra uma controversa reforma constitucional, com a qual o partido no poder pretende elegê-los por voto popular.
"A iniciativa mencionada contraria ao extremo os princípios que regem uma república democrática, representativa e federal", afirmou a associação dos magistrados e juízes, que exigiram ainda aos legisladores do partido de esquerda Morena para interromperem a discussão da reforma proposta ao Congresso, pelo presidente cessante Andrés Manuel López Obrador, "dadas as suas muitas imperfeições."



Opinião
João Almeida Moreira

O Brasil está mais governável

Desde a redemocratização de 1988, a relação entre os poderes no Brasil é, basicamente, saudável. Porém, quando não é tratada, deriva em doenças.

Já tem até um histórico patológico, nomeadamente o escândalo do *Mensalão*, esquema de compra de votos de deputados feito às escondidas nos primeiros Governos do PT.

O advento do *Centrão*, os 150 a 200 parlamentares que apoiam qualquer Governo, da esquerda à direita, em troca de nacos de Orçamento, é outra doença, até porque, na prática, não passa de um *Mensalão* – impune – a céu aberto.

E, mais recentemente, foram diagnosticados outros dois graves distúrbios, as "Emendas Impositivas" e o "Orçamento Secreto", de que falaremos mais adiante.

Primeiro, lembremos que Fernando Henrique Cardoso, o presidente de 1994 a 2002, gastou metade das centenas de páginas das suas memórias a queixar-se da dor crónica que lhe provocava a insaciável gula dos parlamentares.

Foi, aliás, para saciar essa gula que os primeiros Governos de Lula, de 2002 a 2010, inventaram o citado *Mensalão*, uma droga eficaz, mas proibida.

Por sua vez, Michel Temer, membro histórico da tribo dos insaciáveis gulosos, lidou com o Congresso durante o seu Governo-tampão de 2016 a 2018 como peixe na água (ou sapo no pântano).

Já Dilma Rousseff (2010 a 2016), a antecessora dele, não teve nem a habilidade, nem o estômago dos colegas e acabou engolida pelo Parlamento no famigerado processo de *impeachment*.

Por isso, o *Centrão* alastrou com Dilma e conseguiu votos suficientes para aprovar, em 2015, a tal doença das "emendas", correções ao Orçamento de Estado feitas por parlamentares quase sempre para beneficiar os seus feudos eleitorais, "impositivas", sem que o Executivo as pudesse, portanto, discutir.

A Jair Bolsonaro (2018 a 2022), sucessor de Temer, sobrou preguiça, um dos pecados capitais que marcam o seu percurso, da tropa até hoje, para lidar com o poder legislativo.

Para poder passear de moto e lancha pelo país, o ex-presidente entregou a condução do Brasil ao Congresso e assim nasceu, em 2020, o "Orçamento Secreto", que consistia, *grosso modo*, em impor aquelas emendas descritas acima sem o parlamentar, o valor da transferência ou o destino serem sequer identificados.

Por exemplo, via "Orçamento Secreto" numa cidade do Maranhão de 11 mil habitantes foram realizadas 12 mil radiografias a dedos da mão num só ano. O Piauí, reduto de um aliado de Bolsonaro, recebeu um quinto do total de ambulâncias do país apesar de o estado nordestino representar apenas 1,4% da população. E câmaras municipais do Paraná compraram tratores a preço 259% acima do valor de mercado, daí os nomes alternativos, *Tratoraço* e *Bolsolão*, para a doença.

As boas notícias são que um conjunto de hábeis cirurgiões levou o Brasil à sala de operações, que a intervenção foi um sucesso e que o país saiu da clínica a andar pelo próprio pé.

Traduzindo, um grupo de advogados conseguiu que o Supremo Tribunal Federal suspendesse, por unanimidade, as "Emendas Impositivas", já depois de a corte ter cuidado da sua metástase, o "Orçamento Secreto", retirando poder da célula afetada da democracia brasileira, o "Centrão", e gerando, finalmente, governabilidade ao país.

Mas se a relação entre os poderes no Brasil não for bem tratada pode sempre derivar em novas doenças – até porque o poder legislativo já disse que isto não fica assim.

> **"Se a relação entre os poderes no Brasil não for bem tratada pode sempre derivar em novas doenças – até porque o poder legislativo já disse que isto não fica assim."**

Jornalista, correspondente em São Paulo.



Yuan Yang Guo **serve dois a três tipos de caldo numa panela, sobretudo o picante e o *consommé*, atendendo aos gostos variados de clientes.**

Hot pot: uma experiência gastronómica fervilhante

Trata-se de um prato tradicional chinês que é servido num ato em que as pessoas se reúnem e cozinham os ingredientes, como a carne e os vegetais, numa panela com caldo a ferver, desfrutando da comida recém-cozinhada e quente num ambiente animado.

Se visitarem a cidade de Chongqing, no sudoeste da China, encontrarão muitos restaurantes em Chongqing, e os mais populares devem ser os restaurantes de *hot pot*, onde o aroma delicioso, mas picante, permeia o ar.

O *hot pot* de Chongqing é um prato típico local. Tal como o próprio nome indica, trata-se de uma maneira de cozinhar em panela quente, que é conhecida também como *Fondue* Chinês. O caldo é geralmente vermelho porque é preparado com uma mistura de pimenta Sichuan, piripíri, manteiga e outros temperos, para cozinhar ingredientes como vísceras de animais.

Os habitantes de Chongqing são tão apaixonadas por *hot pot* que dizem: "Não aguentam comê-lo todos os dias, mas não suportam ficar uma semana sem o comer." Para os visitantes de Chongqing, experimentar *hot pot* é imprescindível.

Para além de Chongqing, há muitas regiões da China onde as pessoas têm por hábito consumir *hot pot*: Sentam-se à volta de uma panela com o caldo a ferver, onde cozinham e depois consomem ingredientes frescos e cuidadosamente cortados em fatias. Esta prática não só oferece uma experiência bem diferente – a de desfrutar da comida recém-cozinhada *in loco* e quente –, como também cria uma atmosfera animada.

Poucas pessoas sabem que o *hot pot* tem uma história milenar na China, datando do período dos Três Reinos, por volta de 220 d.C. Naquela época, já se utilizavam panelas de cobre com divisórias para preparar alimentos em diferentes caldos. Com o passar do tempo, os ingredientes e os caldos desta iguaria vieram a ser mais abundantes e diversificados.

O caldo pode ser ao gosto do consumidor, tanto o picante, como o *consommé* de carne – frango e vaca –, ou de vegetais, como tomate e cogumelos. Os ingredientes podem ser carnes (ou outros) em fatias, como de vaca, borrego, peixe, camarão, vísceras de gado, marisco e produtos de soja, bem como legumes: alface, batata, milho, e massas, entre outros.

Para quem experimenta *hot pot* pela primeira vez, o método "faça você mesmo" será interessante. Além de escolher e cozinhar os ingredientes por si próprio, pode também personalizar os molhos, tendo à sua escolha uma variedade de condimentos: da pasta de sésamo à de amendoim, ao molho de soja, vinagre, pimenta em pó e coentros, entre outros. Pode-se escolher um só ou fazer mistura de vários a gosto.

A cidade de Chongqing e a vizinha Província de Sichuan são conhecidas pelos seus próprios tipos de *hot pot*, mas a maior característica de ambos é a mesma: o sabor picante. A preferência pelo picante tem a ver com o clima húmido da região. O caldo contém, por norma, malagueta e pimenta de Sichuan, que podem "eliminar a humidade no interior do corpo humano".

De acordo com a teoria da Medicina Tradicional Chinesa, o consumo de comida picante favorece a circulação sanguínea do corpo humano e ajuda a "perder a água em demasia" através do suor, mantendo o equilíbrio interno quando se fica num ambiente húmido por um longo período. Consumir *hot pot* picante faz as pessoas suarem até às lágrimas, segundo a teoria acima referida e exemplifica a terapia dietética da Medicina Chinesa que faz parte da cultura alimentar chinesa.

Diferentemente do sabor picante e gorduroso de Chongqing e Sichuan, o *hot pot* noutras regiões da China tem receitas mais leves. Na região de norte, por exemplo, é comum usar panelas de cobre para cozinhar carne bovina e ovina em fatias. O caldo é composto simplesmente por água e algum gengibre e cebola. Põem-se as fatias de carne mergulhadas por alguns segundos no caldo a ferver e fica pronta a ser consumida com pasta de sésamo.

Clientes jantam num restaurante de *hot pot* em Paris, em abril deste ano.

Este tipo de *hot pot* é conhecido como *Fondue* Chinês Mongol, uma tradição que remonta ao período da Dinastia Yuan, eficaz para os soldados mongóis reporem as energias e se aquecerem.

Já nas regiões costeiras do sudeste, como em Guangdong e Fujian, onde há uma abundância de mariscos, o *hot pot* de marisco é muito popular. O sabor delicado dos diversos peixes e camarão é preservado pelo caldo simples, e o marisco fica mais saboroso se for consumido com molho de ostra.

Com o desenvolvimento económico e a facilitação dos transportes, as diferenças entre os ingredientes nas regiões de norte e sul da China têm diminuído significativamente. Atualmente, é comum comer carnes bovina e ovina no sul e consumir mariscos no norte da China. Curiosamente, quase todos os restaurantes de *hot pot* oferecem a opção de *Yuan Yang Guo* (literalmente traduzido como *hot pot* de Pato-Mandarim, que significa que tem dois sabores). Com uma divisória, serve-se o caldo picante e o *consommé* ao mesmo tempo e pode responder às preferências de diferentes clientes.

O consumo de *hot pot* é uma maneira importante de comunhão para os chineses, sobretudo nos momentos em que a família está reunida ou os amigos estão em grupo. Rodeados em torno da panela quente, no inverno, as pessoas cozinham e comem, enquanto conversam e se divertem, fortalecendo os laços de amizade e o carinho familiar.



No norte da China, é comum usar as panelas de cobre para cozinhar a carne ovina, especialmente em encontros familiares e celebrações festivas, cujas panelas simbolizam a união e prosperidade, enquanto o consumo de carne de borrego é tido como harmonia e fartura.

Embora cada pessoa tenha uma preferência própria quanto ao caldo, aos ingredientes e aos molhos de acompanhamento, o *hot pot* consegue satisfazer o gosto de cada um, ao oferecer uma experiência tão especial que todos podem compreender um pouco mais o pensamento chinês da "Harmonia na Diversidade", omnipresente na gastronomia chinesa.

Se tiverem interesse pela cultura chinesa, sintam-se à vontade para deixar os vossos comentários através do *e-mail*: *contato.cultchina@gmail.com*.



INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

João Félix à procura de nova vida num Chelsea com 41 jogadores

PREMIER LEAGUE O avançado foi apresentado como reforço para o treinador Enzo Maresca, que fez questão de elogiá-lo. O técnico conta com três portugueses que juntos custaram 126M€.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

João Félix tornou-se ontem no 41.º jogador do plantel do Chelsea 2024/25. O internacional português, de 24 anos, regressa assim a um clube que representou há duas época por empréstimo do Atlético de Madrid, sendo que, desta vez, assinou contrato válido até 2031. O adeus a Espanha deu-se a troco de 52 milhões de euros, com o avançado a dizer que esta foi "uma oportunidade de encontrar uma casa", após dois anos cedido, primeiro ao Chelsea e depois ao Barcelona. "Precisava de fixar-me num clube e este é um local perfeito para eu brilhar", assumiu o novo número 14 dos *blues*, lembrando que adorou a primeira passagem pelo clube.

No momento de abrir uma nova porta na sua carreira, João Félix disse ter crescido "na perceção do jogo, nos espaços onde a bola pode chegar facilmente" e ainda as zonas do terreno onde pode "provocar mais impacto". "Sinto-me mais preparado para a *Premier League*", resumiu o avançado.

O treinador dos *blues* é agora o italiano Enzo Maresca, que deixou bem claro que olha para João Félix como "um talento" que "pode jogar em diferentes posições: como médio ofensivo, como nove ou como extremo." E, nesse sentido, segundo o técnico, será compatível com outro português do plantel – o extremo Pedro Neto –, recentemente contratado ao Wolverhampton por 60 milhões de euros. "Temos muitos jogos... o Pedro pode jogar na ala direita ou esquerda", frisou.

Refira-se que o terceiro português do Chelsea é o médio Renato Veiga, contratado ao Basileia por 14 milhões de euros. Ou seja, só em jogadores nascidos em Portugal, o clube londrino investiu para esta época 126 milhões de euros, que representa uma gota num oceano de dinheiro, afinal nos 41 futebolistas que neste momento fazem parte do grupo de trabalho de Maresca foram investidos mais de 1435 milhões de euros.



João Félix vai envergar a camisola número 14 do Chelsea.

CHELSEA FC

A longa lista de jogadores do Chelsea tem sido motivo de diversas críticas em Inglaterra, sendo que Jamie Carragher, antigo internacional inglês e comentador da estação de televisão Sky Sports lançou por estes dias uma questão pertinente: "Estavam a perguntar onde é que o João Félix vai jogar, mas eu pergunto: onde é que ele vai equipar-se? Se tens 40 jogadores, como é que eles vão estar todos no mesmo balneário? Como é que organizas um treino?"

Este início de época não está a ser fácil em Stamford Bridge e a derrota em casa frente ao Manchester City (0-2), na estreia na *Premier League*, fez aumentar ainda mais as dúvidas, sendo que hoje (20.00 horas) o Chelsea recebe os suíços do Servette no *play-off* de acesso à Liga Conferência, partida antes da qual Enzo Maresca tentou colocar alguns pontos nos *is*. "Eu não estou a trabalhar com 42 ou 43 jogadores, porque mais do que 15 deles estão a treinar-se à parte", argumentou, admitindo que dois deles são os internacionais ingleses Ben Chilwell e Raheem Sterling. Sobre este último surgiram notícias de um choque brutal entre ambos: "Brutal? Nada disso, pois falei com ele antes do jogo com o City e disse-lhe que teria dificuldade em ter minutos na minha equipa e que é por essa razão que não conto com ele." O extremo foi contratado em 2022 como uma grande estrela vinda do Manchester City, por 56,2 milhões de euros, sendo que agora está à procura de um novo clube para continuar a carreira.

> "Precisava de fixar-me num clube e este é um local perfeito para eu brilhar", assumiu João Félix, lembrando que adorou a primeira passagem pelo Chelsea.

Além dele, há pelo menos mais 15 atletas na porta de saída a pouco mais de uma semana do fecho do mercado. Uma anormalidade na história do futebol mundial, como provam os seis guarda-redes sob contrato com o Chelsea...

carlos.nogueira@dn.pt

Plantel do Chelsea 2024/25

Guarda-redes	M€*
Robert Sánchez	23
Filip Jorgensen	24,5
Djordje Petrovic	16
Kepa Arrizabalaga	80
Marcus Bettinelli	0
Lucas Bergström	0
Defesas	
Levi Colwill	0
Axel Disasi	45
Benoît Badiashile	38
Wesley Fofana	80,4
Tosin Adarabioyo	0
Trevoh Chalobah	0
Marc Cucurella	65,3
Ben Chilwell	50,2
Reece James	0
Malo Gusto	30
Josh Acheampong	0
Médios	
Moisés Caicedo	116
Roméo Lavia	62,1
Renato Veiga	14
Enzo Fernández	121
Kiernan Dewsbury-Hall	35,4
Carney Chukwuemeka	18
Cesare Casadei	14,86
Cole Palmer	47
Christopher Nkunku	60
Omari Kellyman	22,5
Tino Anjorin	0
Avançados	
Raheem Sterling	56,2
Mykhaylo Mudryk	70
Tyrique George	0
Pedro Neto	60
Noni Madueke	35
Ângelo	15
João Félix	52
Nicolas Jackson	37
Romelu Lukaku	113
Armando Broja	0
David Datro Fofana	12
Deivid Washington	16
Marc Guiu	6
TOTAL	**1435,46**

**Valor que custou em milhões de euros*


JAVIER LIZON / EPA

O checo Pavel Bittner venceu ao *sprint* a sua primeira etapa numa grande Volta.

Rui Costa cai e abandona a *Vuelta*. Almeida firme na luta

CICLISMO O jovem checo Pavel Bittner surpreendeu e venceu ao *sprint* à chegada a Sevilha, onde terminou a 5.ª etapa da Volta a Espanha.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Rui Costa foi ontem obrigado a desistir na 5.ª etapa da 79.ª edição da Volta a Espanha, depois de sofrer uma queda à entrada dos últimos 10 dos 177 quilómetros da tirada que ligou, sob um calor intenso, Fuente del Maestre a Sevilha. Numa curva em pelotão, o ciclista de 37 anos da EF Education First-Easy Post não conseguiu desviar-se da queda do britânico Owain Doull, seu companheiro de equipa, e também acabou no chão. O português ainda tentou prosseguir, mas as marcas da queda tornaram impossível a sua continuidade em prova, quando seguia no 115.º lugar da classificação geral, a 14.53 minutos do líder, o esloveno Primoz Roglic (Red Bull - BORA-hansgrohe).

A etapa, sem grandes obstáculos ao nível de montanha, acabou por ser discutida ao *sprint*, com o estreante checo Pavel Bittner (dsm-firmenich), de 21 anos, a conseguir a primeira vitória em etapas em grandes voltas, surpreendendo aqueles que eram os principais favoritos a cortar a meta em 1.º lugar, o belga Wout van Aert (Visma) e o australiano Kaden Groves (Alpecin - Deceuninck), que já tinham triunfado nos *sprints* das etapas 2 e 3, respetivamente.

"É inacreditável. Há apenas algumas semanas consegui as minhas primeiras vitórias como profissional [na Volta a Burgos], por isso vencer na minha primeira *Vuelta*... ainda não acredito. E logo vencer Wout van Aert num *sprint* longo…", disse Bittner, minutos depois de vencer a etapa, ainda incrédulo com o que tinha acontecido.

Um dia depois da chegada ao Pico Villuercas, onde brilhou Roglic e João Almeida subiu ao 2.º lugar da geral, a etapa de ontem acabou por ser calma, embora os cerca de 40 graus de temperatura não tenham inibido o espanhol Ibon Ruiz (Kern Pharma) de tentar a sua terceira fuga na *Vuelta* 2024, agora na companhia do compatriota Txomin Juaristi (Euskaltel-Euskadi). A dupla chegou a ter 5.40 minutos de avanço sobre o pelotão, mas a 38km da meta acabaram por ser apanhados.

A partir desse momento ficou claro que tudo se iria decidir ao *sprint*, com o Camisola Vermelha (símbolo do líder da prova) Primoz Roglic a resguardar-se, tal como João Almeida (UAE Emirates), que cortou a meta no 80.º posto, com o mesmo tempo de Pavel Bittner. Nesse sentido, o ciclista português, um dos favoritos à vitória da *Vuelta* 2024, manteve os oito segundos de atraso para o esloveno, enquanto o espanhol Enric Mas (Movistar) continua em 3.º a 32 segundos do 1.º.

Refira-se ainda que o outro português em prova, Nélson Oliveira (Movistar) cortou a meta em 75.º lugar, mantendo o 57.º da classificação geral, a 7.53 minutos de Roglic.

Hoje vai para a estrada a 6.ª etapa, que vai ligar Jerez de la Frontera e Yunquera, na distância de 185,5 quilómetros. Um dia que pode ser animado, tendo em conta que aos 73kms há uma contagem de montanha de primeira categoria em Puerto del Boyar (1108 metros de altitude), seguindo-se mais três de terceira categoria, a última das quais na meta.

carlos.nogueira@dn.pt

David Neres confirmado no Nápoles numa transferência que pode chegar aos 30M€

BENFICA A SAD encarnada comunicou negócio de 28 milhões de euros à CMVM, mas montante pode subir.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**



David Neres
Jogador do Nápoles

O Benfica anunciou ontem a transferência de David Neres para os italianos do Nápoles por 28 milhões de euros, num negócio que poderá chegar aos 30 milhões se forem atingidos determinados objetivos previstos no acordo entre os clubes, segundo o que foi comunicado pela SAD encarnada à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM).

O extremo de 27 anos, que contabilizou 83 partidas de águia ao peito, tendo marcado 17 golos e feito 25 assistências, assinou contrato com o clube italiano válido até 2029. Chega assim ao fim uma ligação de duas épocas do internacional brasileiro com o Benfica, período durante o qual conquistou um título de Campeão Nacional e uma Supertaça.

Neres tinha sido contratado aos ucranianos do Shakhtar Donetsk em 2022 por 15,3 milhões de euros, saindo agora por quase o dobro. Esta é a terceira venda do Benfica este verão, depois de João Neves ter saído para o PSG por 59,92 milhões de euros e de Paulo Bernardo ter rumado ao Celtic por 4M€. Até ao momento, a SAD liderada por Rui Costa encaixou 91,92 milhões de euros e, segundo o *site transfermarkt.com*, surge em 8.º lugar no *Ranking* Mundial de clubes que mais faturaram no mercado de verão.

O Benfica procura agora contratar um defesa-direito, sendo o internacional marroquino Zakaria El Ouahdi, dos belgas do Genk, o principal alvo.


MIGUEL PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

V. Guimarães vence bósnios na Europa

O V. Guimarães conseguiu ontem uma importante vantagem no *play-off* de acesso à fase de grupos da Liga Conferência ao vencer, em casa, os bósnios do Zrinjski Mostar, por 3-0, com golos de Ricardo Mangas, Borevkovic e João Mendes.



Misel Maticevic e o minimalismo *noir*.

Pelos bons velhos tempos

FILM NOIR Apresentado na secção Panorama do Festival de Berlim deste ano, *Terra Queimada*, de Thomas Arslan, põe-nos em contacto com a beleza escondida de um certo cinema alemão. Um *thriller* cuja inquietude vem da escola antiga do *film noir* – uma reserva de frugalidade cinéfila.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

O cinema contemporâneo ainda tem destas coisas: de quando em vez, borrifa-se para as modas e sobrevive numa discreta elegância fora de uso. É essa a sensação nítida que fica depois de se ver um filme como *Terra Queimada*, do alemão Thomas Arslan, ele próprio um realizador discreto e "fora de moda", de quem apenas conhecíamos – porque se estreou nas nossas salas isoladamente – o *western Ouro* (2013). Um cineasta de quem, a partir destes dois títulos, poderíamos registar uma lógica de criação de personagens que perseguem a materialidade da fortuna, mas que se confirma sobretudo pelo olhar solitário centrado nos solitários que caminham sobre a terra, seja na expressão de colonos alemães do século XIX em busca de riqueza nas minas ou de um criminoso habituado a sentir o peso das notas na mão, num mundo de transações digitais.

Em *Terra Queimada*, esse criminoso profissional é Trojan, alguém que anda nisto há tempo suficiente para se ressentir com os métodos modernos do crime. Uma personagem oriunda de outro notável filme de Arslan, *Nas Sombras* (2010) – agora disponível na Filmin –, que regressa à mesma Berlim na esperança de conseguir uma nova oportunidade de fôlego, depois do falhanço que ditou o seu afastamento. O problema é que quase tudo mudou, menos o casaco de cabedal preto de Trojan e a sua suspeição prática: os amigos avançaram na vida, consumando o pacote "emprego e família", e o ramo de atividade que os unia transferiu-se para o dito universo virtual. Que fazer? Depois de um breve exemplo de negócio furado que justifica a desconfiança do protagonista, acaba por surgir a oportunidade por que Trojan mais ou menos esperava, na forma de um assalto a um museu. Mas calma, não será por certo o tipo de assalto que o leitor está a imaginar, com os ritmos apressados da "experiência cinematográfica" dos nossos dias.

> O que surpreende neste virtuoso *thriller* germânico é a sua natureza suave e predisposição para contemplar um trabalho enquanto fascinante gramática fílmica.

O que surpreende, em particular, neste virtuoso *thriller* germânico é a sua natureza suave e predisposição para contemplar um trabalho: à semelhança do conterrâneo Christian Petzold, a Arslan interessa o tempo e os gestos associados a um trabalho específico (o do criminoso), enquanto fascinante gramática fílmica. Isto com um *modus operandi* que se situa tranquilamente entre a marca noturna de Michael Mann e o minimalismo mais puro de Walter Hill, acenando ainda à herança de Jean-Pierre Melville no que à configuração do *film noir* diz respeito.

Interpretado por Misel Maticevic com carisma conciso, Trojan é mesmo uma maravilhosa peça obsoleta, insisto, um homem de casaco de cabedal preto que, devidamente identificado com carros pouco modernos, inscreve o exílio interior em cada silenciosa travessia urbana. É um rosto que carrega a melancolia como quem carrega uma mala de dinheiro, cumprindo a sua tarefa num pequeno grupo de parceiros de crime com a facilidade de um perito e o pé atrás de quem conta com todos os cenários. Sempre aquela zona de indefinição que permite a fuga.

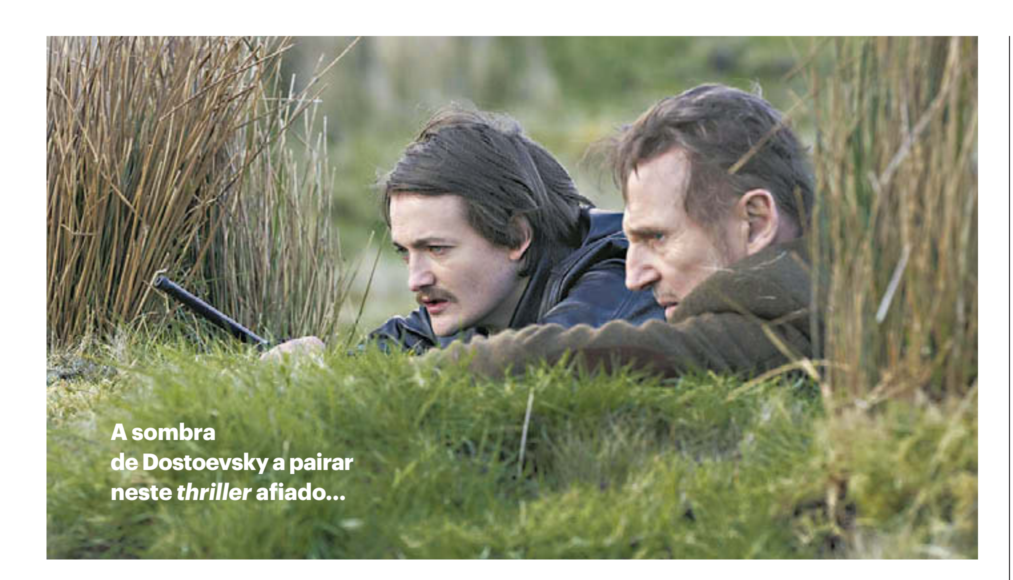
E é aqui que a escolha da obra *Mulher ao Amanhecer*, de Caspar David Friedrich, como peça a roubar do depósito de um museu, se torna um espantoso reflexo pictórico: tido como um quadro de dupla interpretação – em que o horizonte pode representar um amanhecer ou um pôr do sol –, parece que Thomas Arslan viu nele o sussurrante crepúsculo de Berlim. Um crepúsculo, de resto, palpável nas pequenas interações em nome "dos bons velhos tempos", como se diz a certa altura, e com uma recusa do princípio da espetacularidade que triunfa pelo movimento macio e pancada seca. Em *Terra Queimada*, a noite leva-nos de mansinho.



O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
TERRA QUEIMADA	★★★	★★★★	★★★★
A LINHA	★★★★		
NA TERRA DE SANTOS E PECADORES		★★★	
O CORVO			★★★
MOTEL DESTINO	★★	★★★★	
A TORRE SEM SOMBRA	★★★★	★★★	★★★★
ALIEN: ROMULUS	★	★★★★	★★
ARMADILHA		★★★	★★
BALAS & BOLINHOS: SÓ MAIS UMA COISA		★	
ELIS & TOM	★★★	★★★	★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional


A sombra de Dostoevsky a pairar neste *thriller* afiado...

O confiante cansaço de Liam Neeson

SUSPENSE *Thriller* de ação que não quer enganar ninguém. *Na Terra de Santos e Pecadores,* de Robert Lorenz, finalmente nos cinemas portugueses depois de algum adiamento. Liam Neeson como o queremos num filme que surpreendeu o Festival de Veneza.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Um *thriller* sobre o IRA que é, afinal, um *western*. Proposta de Robert Lorenz, finalmente nos nossos cinemas após uma passagem pelo Festival de Veneza do ano passado. O cineasta que é um dos produtores dos últimos Clint Eastwood e que o dirigiu em *As Voltas da Vida*, em 2012, faz sobretudo um objeto de puro entretenimento dentro dos moldes da variação do *thriller* do "bom malandro".

O "bom malandro" em questão é Liam Neeson, aqui a compor um veterano criminoso irlandês a querer regenerar-se no último capítulo da vida. Finbar, de seu nome, é viúvo, amigo do chefe da polícia local e adepto de uma comunidade pacífica. A sua tranquilidade é posta em causa quando no seu vilarejo um pelotão do IRA chega para esconder-se após um atentado terrorista que matou inocentes. Um pelotão chefiado por uma sanguinária mulher, Doirean, interpretada com firmeza pela nomeada ao Óscar Kerry Condon. E quando Finbar percebe que os seus estão a ser ameaçados já se sabe: é tempo de voltar às armas.

Ou seja, uma intriga que incorpora o imaginário dos Sarilhos do IRA com um certo molde do policial ancorado no molde do herói solitário durão. Mas a dureza desta personagem de Liam Neeson é construída com régua e esquadro – tudo é feito em função do seu charme de fadiga. Liam Neeson a ser depuradamente Liam Neeson. Daqueles duros que têm coração, mas que nunca destilam pieguice, o que sai antes é um humor sequíssimo por entre a moldura da anedota irlandesa e a firmeza drástica que o sotaque chama. Sim, *In the Land of Saints and Sinners* tem sotaque irlandês cerrado, mas nunca em modo de *bibelot*.

Também nada decorativas são as paisagens de Donegal que carregam consigo uma atmosfera de tranquilidade antes da tempestade. Sim, o filme fica explosivo nos momentos em que tem de ficar, mas nunca abusa de tiroteios espalhafatosos, nem de perseguições ruidosas. Dir-se-ia mesmo que há uma contenção que cria o ambiente certo para os tais duelos de "*western*".

É nessa honestidade de intenções que *Na Terra de Santos e Pecadores* assume os seus méritos como objeto de velha guarda, simples e eficaz. Sabe jogar muito bem com os silêncios e com uma violência encenada à base da precisão, sem que com isso se anule um pensamento sobre a moral da violência e a sua fatalidade (a violência é filmada com um cuidado gráfico sem nada a apontar). Ao mesmo tempo, é um veículo de ação para Liam Neeson, mas não levanta em demasia a bandeirinha dessa condição. De alguma forma, é Neeson a jogar em casa com um à vontade estonteante, mesmo quando o argumento tem alguns buracos que dão à história um lado bastante forçado.

Numa altura em que quase não nos chegam *thrillers* adultos e comedidos, um filme como este faz figura de ave rara. Robert Lorenz soube arquitetar bem um *thriller* que nunca perde a unidade. O seu ar compacto parece ter um *upgrade* maior quando ganha contornos de estudo de personagem com o despojamento do herói de Liam Neeson.


Elli Spagnolo em *A Linha*: entre ternura e crueldade.

Uma história feita de amor e ódio

DRAMA Subitamente, deparamos com uma família cuja estranheza não se confunde com as formas correntes das novelas e da publicidade: com *A Linha* (a partir de hoje nas salas), a cineasta francesa Ursula Meier continua a observar as nossas intimidades.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Se um filme se pode decidir na intensidade emocional da sua cena de abertura, o menos que se pode dizer de *A Linha*, da francesa Ursula Meier (n. 1971), é que há muito não víamos um drama familiar lançado de modo tão contundente e perturbante. Que se passa, então? Margaret agride a mãe, Christina, num impulso de extrema violência… Na cena seguinte, com Margaret na presença de um juiz, ficamos a saber que, durante três meses, ela está proibida de se aproximar da mãe. Com uma regra muito explícita: deverá manter uma distância mínima de 100 metros em relação ao seu domicílio.

Eis um filme contrário a todos os *clichés* novelescos e publicitários que enxameiam o nosso quotidiano audiovisual. Não, esta não é uma família que se possa descrever a partir de uma galeria pueril de "bons" e "maus". Não, esta também não é uma família que se esgote no imaginário das formas de consumo de iogurtes, telemóveis ou televisores Ultra HD. A dimensão irracional da brutalidade de Margaret contra a mãe não existe a não ser como expressão selvagem de um território de relações: amor e ódio cruzam-se em todos os instantes, fundindo-se e separando-se, voltando a cruzar-se num turbilhão em que renascem a partir das suas próprias ruínas.

Stéphanie Blanchoud, também colaboradora no argumento (com a realizadora e Antoine Jaccoud), interpreta Margaret como um ser habitado por uma revolta que a própria personagem parece desconhecer, de tal modo a sua violência contra a mãe se confunde com um constante desejo de reaproximação. Por sua vez, no papel da mãe, Valeria Bruni Tedeschi é também uma figura de paradoxal sofrimento, cujas atribulações afetivas vão desagregando, instante a instante, a sua frágil idealização de um mundo de felicidade.

Neste labirinto em que não se vislumbra qualquer sinal de apaziguamento, o território familiar carece de alguma forma de redenção em que ninguém parece acreditar, a não ser a irmã mais nova de Margaret, Marion, interpretada pela admirável Elli Spagnolo. Não apenas através dos cânticos religiosos que está a aprender, mas mantendo uma obsessiva gestão do espaço familiar, ela não desiste de uma ternura capaz de atenuar a crueldade – é Marion que desenha em volta da casa a "linha dos 100 metros" que, perante a sua insistência, Margaret aceita respeitar.

Filme estranho, inclassificável, banhado por uma rara inteligência emocional, *A Linha* confirma Ursula Meier como uma cineasta verdadeiramente cinematográfica (passe a redundância), sempre apostada em filmar o espaço como espelho e agente das relações humanas – lembremos os seus filmes, igualmente brilhantes, *Home – Lar Doce Lar* (2008), com Isabelle Huppert, e *Irmã* (2012), com Léa Seydoux. Nesta perspetiva, *A Linha* é também um objeto de combate contra os determinismos psicológicos favorecidos pela banalidade mediática. Ficamos com Marion e o seu pressentimento do sagrado.

Oscar Bonilla
"O Uruguai deve ser o único país do mundo que não tem nome"

EXPOSIÇÃO *Memórias: Lenda Oriental e Pregas*, de Óscar Bonilla, pode ser visitada no Instituto Cervantes de Lisboa até 13 de setembro. O DN conversou com o fotógrafo, que foi exilado político, sobre o que faz único este pequeno país da América do Sul, a começar pelo futebol.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOS **ÁLVARO ISIDORO**



É possível quem visitar essas duas exposições, *Leyenda Oriental* e *Pliegues*, em português *Lenda Oriental* e *Pregas*, ficar com uma ideia do Uruguai? Este é um pouco o retrato do país?
A arte pode ser muito restringida a um lugar e as pessoas talvez não a entendam porque não conhecem esse lugar. Mas a arte também, e acredito na universalização da sua mensagem, pode ser compreendida em muitas partes do mundo. Assim, o tema das "Memórias", que é o título geral destas duas exposições, é também o seu ponto de encontro. Ao público estrangeiro tenho de explicar mais o que significa esta "*Lenda Oriental*", porque tem a ver com o Uruguai. A outra, referente às fotografias de família, é universal, porque o álbum de família já existiu em todos os países do mundo. Hoje, se pensarmos na nova tecnologia, com as fotos no próprio telemóvel, tudo mudou. Mas antes era uma cerimónia ver o álbum de família quando se ia à casa de alguém. As pessoas passavam horas a olhar, enquanto bebiam um chá. Os novos e os velhos. Então, isso tem a ver com memória. Ou seja, é uma forma de perceber o mundo de forma mais meditativa, mais lenta, aquilo que era típico. Hoje, o mundo é extremamente superficial e rápido.
Quando vemos as suas fotografias feitas a partir de álbuns de família, estes pertenciam a pessoas que nunca conheceu? Como conseguiu esses álbuns?
Esses álbuns têm um valor muito grande para mim. Existem pessoas que talvez não se importem tanto com a memória. Mas a mim importa. E isso tem a ver com a minha vida pessoal. Estive quase 13 anos sem voltar ao Uruguai. Vi os meus pais duas vezes em 13 anos. Além disso, vivi longe em circunstâncias horríveis – uma doença do meu pai e a morte de uma irmã. Então, a questão da memória tem muito a ver comigo. Porquê? Porque pratiquei muito a memória. Porque quando se está fora e se receia não voltar... Tenho outras exposições também referentes a isso. Porque tem a ver com o que aconteceu comigo na vida. Então, para ser mais abrangente, esta *Pregas*, uma alusão ao papel vegetal que protegia as fotos, tem a ver com memórias de família. Mas não da minha. É um material desconhecido, de desconhecidos.
Comprou álbuns em feiras de antiguidades, e até *online*, certo?
Sim, alguns comprei. E outros encontrei-os no lixo. Eram de pessoas que morreram e a família diz: "E para que serve isto?" Então deitam fora ou vendem. Tudo isso gera duas coisas em mim. Em primeiro lugar, muito respeito pelas pessoas das fotos. E em segundo lugar, muito mistério. Quem são elas... O que é que essa pessoa fazia? Porque está aqui? E porque está ao lado dessa outra pessoa? E por que tiraram uma foto e, por exemplo, depois rasgaram-na e tiraram toda a parte de cima, sobrando aquelas pernas de mulher? Tudo isso produz muito mistério para mim. São muitas ideias, obviamente que depois dariam até para escrever um romance, não? De qualquer forma, é ficção. Eu não conheço a realidade daquelas pessoas. E faço arte com elas. Fui fotógrafo de imprensa durante muitos anos e o fotógrafo de imprensa que trabalha com fotografia documental é jornalista. E obedece a um código de ética jornalística, mesmo que obviamente exista uma sensibilidade pessoal, a razão porque foco aqui e não foco ali. Mas não se pode adicionar, não pode remover algo de uma foto ou cobrir parte de uma foto, não, nada. Isso não pode ser feito. Há um código de ética, como para quem escreve nos jornais. Mas fotografia é arte ou não é arte? Sempre houve esta discussão. Eu acredito que a fotografia é arte. Não tenho dúvidas. E na arte contemporânea, a fotografia superou outras disciplinas. A pintura, por exemplo. Mas isto é o que chamo de fotografia de livre expressão. Agora não estou a publicar em jornais. Estou a experimentar com uma coisa que encontrei. A maneira de iluminar. Se vou cobrir ou não cobrir alguma parte, certo? Deixo algo escondido ou vou mostrá-lo? Isto é fotografia de livre expressão. Primeiro importa o material com o qual se vai trabalhar. Segunda coisa, a sensibilidade pessoal, que tem a ver, no meu caso, com o meu passado, com a minha vida e a importância da memória para mim. E ainda, muito importante, o meu sentido estético. Isso é muito importante na arte. Tudo isso forma um todo. Ou seja, eu produzo algo e coloco à disposição das pessoas. E arte é isso. Arte é, de certa forma, a capacidade de alguém com uma técnica ou diversas técnicas fazer uma representação simbólica da realidade. E isso é disponibilizado ao público. E o público completa-o. Baseado na própria sensibilidade e no próprio sentido estético. Isso é arte. Acontece aqui também.

> *"Eu acredito que a fotografia é arte. Não tenho dúvidas. E na arte contemporânea, a fotografia superou outras disciplinas. A pintura, por exemplo."*

Nesta dupla exposição, esta parte sobre a família é quase universal. Poderiam ser portugueses nos álbuns. As sociedades são culturalmente muito próximas para não ser imediata uma identificação, se se trata do Uruguai ou não. Mas a dedicada à imigração é muito específica do Uruguai, e de outros países da América. O que é que *Lenda Oriental* nos ensina sobre o Uruguai, a história?
Um dia pediram-me uma exposição que fizesse sentido no Dia do Património. Foi há sete ou oito anos. A ideia partiu da ministra da Cultura. Faça uma exposição sobre o nosso património. E eu disse, muito bem. Mas quem escolhe a forma e o conteúdo sou eu. Responderam: faça o que quiser. Então, criei esta *Lenda Oriental*. E dei



esse nome justamente porque o Uruguai deve ser o único país do mundo que não tem nome. Porque na realidade autodenominamo-nos República Oriental do Uruguai. Ou seja, é o território republicano que fica a leste do rio Uruguai. Antes éramos a Banda Oriental e agora somos a República Oriental do Uruguai. É claro que as pessoas, a nível mundial, falam do Uruguai. Mas a nossa nacionalidade, desde que era criança, sempre foi oriental. O hino nacional não nomeia nunca o Uruguai. E começa com "orientais, a pátria ou o túmulo." É assim que começa o nosso hino.

E esse país, a Banda Oriental, a República Oriental, o Uruguai, como quiser chamar, é um país construído por imigrantes.

É um país claramente construído por imigrantes, porque os grupos indígenas que existiam no Uruguai eram indomáveis. Impossíveis de civilizar. Principalmente os charruas, um dos maiores grupos que existia. Também partilhamos uma origem comum com os paraguaios, os guaranis, que também se estabeleceram a certo momento no Uruguai. Para os povos indígenas no Uruguai, em geral, foi muito dura a colonização europeia. Não vou contar aqui a história toda, mas mesmo depois da independência, os poucos que sobraram foram exterminados e quem sobreviveu tinha medo de dizer a origem. Então vieram os escravos, e o Uruguai recebeu assim uma quantidade grande de gente que veio de África, hoje são mais de 10% os afro-uruguaios. E depois chegou muita gente, mesmo muita gente, da Europa.

"A nossa nacionalidade, desde que era criança, sempre foi oriental. O hino nacional não nomeia nunca o Uruguai. E começa com 'orientais, a pátria ou o túmulo."

Estamos a falar de imigrantes sobretudo oriundos de Espanha, mas também de Itália?

A primeira imigração do Uruguai, ou seja, quando os espanhóis fundaram Montevidéu – e agora estamos a comemorar 300 anos da construção da Praça Matriz, da Catedral, de uma cidade que cresceu bastante depois de 1724 –, os espanhóis do Vice-Reino do Rio da Prata, que estavam em Buenos Aires, trouxeram alguns imigrantes para o Uruguai . Bruno Mauricio de Zabala, que é considerado o fundador de Montevidéu, trouxe gente de Espanha, da Península Ibérica, mas principalmente das ilhas Canárias. É daí que vem a minha origem, daí vem o meu apelido. Há muitos canários no Uruguai.

Então, essa imigração inicial é logicamente espanhola, mas no Uruguai independente essa imigração é mais diversificada?

Sim, sim, claro, mais tarde, especialmente no final do século XIX e início do século XX, muita gente veio para o Uruguai, muitos italianos, muitos judeus, muitos arménios. E de Espanha, muitos galegos, uma quantidade enorme. Eu diria que tudo isso aconteceu até 1950, porque o Uruguai, que era um grande produtor de carne, de lã e de couro, fez muito bom comércio durante as duas Guerras Mundiais, especialmente na Segunda Guerra Mundial, e era nessa época um país muito próspero.

Estamos a falar de uma época em que o Uruguai, tal como a Argentina, eram países ricos, sobretudo por causa do gado?

Claro. O Uruguai foi, e ainda é um pouco, chamado de Suíça da América, por ser muito habitado por europeus, simplesmente porque os povos indígenas foram todos assassinados, mas também porque, tal como a Suíça, era próspero e progressista. O Uruguai tem a sua primeira constituição em 1830, e por isso é que em 1930 foi construído o estádio Centenário, para o primeiro Campeonato do Mundo de futebol. E a FIFA escolheu o Uruguai porque antes não havia Mundial e os dois anteriores campeonatos olímpicos foram ganhos pela equipa uruguaia. Por isso o Uruguai usa na camisola da sua seleção as quatro taças, não apenas as de Montevidéu 1930 e do Rio de Janeiro 1950, mas também as dos Jogos de Paris 1924 e de Amesterdão 1928.

Na exposição, há algumas fotos antigas que mostram futebol, uma equipa, mas também uma criança a jogar futebol. Como se explica que o futebol seja até hoje tão importante para o Uruguai, o primeiro campeão mundial?

O futebol é tudo no Uruguai. As pessoas vivem focadas no futebol. E existe no futebol uma grande divisão, um fosso muito maior do que na política, entre as duas grandes equipas, que são o Peñarol, a minha equipa, que é a mais popular, e o Nacional.

Há uma diferenciação social entre os adeptos dos dois clubes?

Sim. Os negros, por exemplo, são todos adeptos do Peñarol. Os pobres, em geral, são mais do Peñarol, enquanto os adeptos do Nacional são mais pessoas de outra condição social.

O Uruguai foi um país muito progressista, muito próspero, mas também passou por um período negro, já bem dentro do século XX, que foi a ditadura militar que durou de 1973 a 1985.

O Uruguai desde a sua independência até 1900 teve muitos problemas e muitas guerras civis. Primeiro, foi difícil ser reconhecido como país. Porque os brasileiros não queriam aceitar a perda do Uruguai e para os argentinos o Uruguai era visto como mais uma possível província da Argentina. Mas o Uruguai foi ganhando forma, dotando-se das instituições próprias de um país, e por volta de 1900 deu-se a última guerra civil. Há dois partidos fundadores que são o Partido Nacional, ou branco, e o Partido Colorado. O nosso primeiro presidente foi Fructuoso Rivera, colorado. E o segundo foi Manuel Oribe, branco. Eram ambos lugar-tenentes de José Artigas, que é o herói nacional que lutou contra os espanhóis. Depois da última guerra civil, começa o Uruguai moderno, é o Partido Colorado que governa e há uma pessoa por quem realmente todos os uruguaios sentem muito respeito e emoção pelo que fez no seu tempo, que é José Batlle Ordóñez. Governa alguns anos e cria uma série de coisas que nos dão muito orgulho até hoje, que são as oito horas de trabalho, o voto das mulheres, e estamos a falar do início do século XX, a separação entre Igreja e Estado. Ainda hoje o Uruguai é um país muito pouco religioso. As pessoas que permanecem religiosas são mais propensas a fazê-lo por causa da tradição, não é como noutros países da América Latina. Se vir a Argentina, por exemplo, a Igreja está unida ao Estado, no México também. Mas o laicismo no Uruguai é um laicismo inclusivo, não exclui ninguém. Todas as religiões são permitidas, como a afro-umbandista, que veio do Brasil, e os evangélicos, e claro a Igreja Católica, mas o nível de religiosidade no Uruguai é extremamente baixo. Por exemplo, eu andei numa escola católica, porque a minha mãe assim o quis, mas

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

sou agnóstico, não me preocupa se Deus existe ou não existe. Na realidade, do que não gosto são as igrejas porque elas são criação do homem.

É aí que nasce o Uruguai, moderno, próspero e progressista?

O Uruguai, que antes era ignorado ao nível internacional, afirma-se no mundo. Por exemplo, passou a participar na Sociedade das Nações, antecessora da ONU, e a fazer propostas muito progressistas, que surpreendiam. E aí o Uruguai começa a ser respeitado como país, apesar de ser um pequeno país da América do Sul.

E o mais pequeno a ser campeão do mundo de futebol.

E o que mais jogadores tem espalhados pelo mundo. Nenhum país exporta futebolistas como o Uruguai.

Em 1973 acontece essa mancha negra que é a ditadura e vai durar pouco mais de uma década. Na história do Uruguai é a exceção?

Sim, é uma exceção, mas tem muito a ver com todo um processo que ocorreu na América Latina nessa época. E explico: a esquerda no Uruguai existe desde o início do século XX, com o Partido Comunista a surgir logo depois da Revolução de Outubro, que levou à criação da União Soviética. Existiam também várias confederações operárias. Mas era uma esquerda muito minoritária, mesmo que o Partido Comunista do Uruguai seja um dos partidos comunistas mais importantes da América porque lutou muito pela união do movimento operário, que só se concretizou com a criação de uma central sindical única para os trabalhadores do país em 1967, e a nível político, com a formação da Frente Ampla em 1971. Mas, entretanto, passaram-se outras coisas. Depois da Revolução Cubana em 1959, a América Latina viveu um processo de radicalização muito forte. Obviamente a situação económica depois da Segunda Guerra Mundial, em países como o Uruguai e outros, começara a decair e acabou aquela época maravilhosa, de prosperidade, na Argentina também. E então o que acontece é que uma parte da esquerda deixa de acreditar em eleições e na via democrática. Aí começa a luta armada em vários países da América Latina, entre eles o Uruguai, com os Tupamaros. Pepe Mujica pertencia a esse grupo. Esteve preso 13 anos, isolado numa cela. Outros líderes do movimento de libertação nacional Tupamaro também foram presos.



A ditadura é uma criação da direita conservadora, em reação à luta armada da esquerda?

Sim, mas obviamente com apoio dos Estados Unidos que não queriam outra Cuba na América Latina. Os Estados Unidos deixaram acontecer o comunismo em Cuba, mas disseram que isso não iria acontecer novamente noutro país. E houve uma ajuda militar muito forte. Todos os militares da América Latina andaram na escola dos Estados Unidos no Panamá. Então, tudo isso influenciou a política uruguaia. Na verdade, os Tupamaros cresceram, havia pessoas que os viam com simpatia, embora eu pessoalmente nunca tivesse estado de acordo com a luta armada, preferia a via eleitoral. E quando os militares decidiram acabar com eles, num ano conseguiram-no, foi em 1972, e depois estenderam a repressão à esquerda em geral. Começou a repressão, dos comunistas por exemplo. Muitos foram para a prisão. Ou desapareceram.

Exilou-se em 1973. Tinha atividade política?

Eu tinha atividade sindical e também política na Frente Ampla, que era uma frente de esquerda, mas legal. E tive de fugir. Vieram procurar-me na minha casa, mas eu já não estava. Meti-me no avião com a minha mulher e a minha filha mais velha, que tinha seis meses, fez um ano já na Argentina. Quando Juan Perón morreu eu estava na Argentina.

Escolheu partir para a Suécia por algum motivo?

Aconteceram-me coisas horríveis na Argentina. Salvei-me porque tive sorte. Os militares uruguaios operavam na Argentina de forma clandestina com ajuda dos militares argentinos. Tudo ilegal.

A Argentina não era uma opção para viver mesmo antes da ditadura militar se impor em 1976?

Não. Vieram também ali à minha casa e levaram um cunhado meu, que tinha estado preso no Uruguai, era mais novo do que eu. Levaram-no e mataram-no, e a mais dois. Foram os primeiros uruguaios mortos na Argentina. Em outubro de 1974. E aí procurámos refúgio nas Nações Unidas. Eu não tinha passaporte, não podia viajar para lugar nenhum, e também não tinha dinheiro. A partir daí, ficámos nos escritórios das Nações Unidas em Buenos Aires uns dias até encontrarem um refúgio. E a Suécia foi muito generosa. Recebeu refugiados políticos chilenos, eram muitos, uruguaios e brasileiros também, e depois de 1976 muitos argentinos.

> *"Aí começa a luta armada em vários países da América Latina, entre eles o Uruguai, com os Tupamaros. Mujica pertencia a esse grupo. Esteve preso 13 anos."*

Quando voltou ao Uruguai?

Decidimos voltar quando acabou a ditadura.

Aí a chamada da pátria foi importante?

Claro. Digo sempre o mesmo: eu tenho um velho Uruguai, descrevo-o sempre assim, que é o dia em que saí durante a noite sem ter escolhido, depois vem um longo parêntesis. Eu tinha 25 anos quando parti e voltei com quase 38. Foi um período de formação muito importante. Formação humana, formação cultural e formação universitária. Quando voltei para o Uruguai em 1986, encontrei um país totalmente diferente, depois da ditadura, totalmente diferente, porque estava em ruínas. Era difícil conseguir trabalho. Eu voltava com uma nova formação, que não era a que eu tinha antes de ir. Antes eu estudava veterinária no Uruguai, imagine. Tinha de conseguir trabalho, mas não havia. Felizmente, tivemos ajuda da família e pudemos comprar uma casa e instalámo-nos, mas eu tive de reencontrar-me com o novo Uruguai. E custou-me, não foi fácil. Custou-me dizer: vou voltar a viver neste país. Mas fiquei. Tinha de ser. Eu à Suécia vou frequentemente, viajo muito, até pelo meu trabalho, porque fui correspondente; trabalhei na France Presse, trabalhei na agência noticiosa alemã, trabalhei num semanário no Uruguai, o *Brecha*, onde estava, entre outros, Eduardo Galeano, um grande amigo.

Quando se pensa hoje no Uruguai, é um país com uma imagem muito positiva no mundo. Não só pelo *soft power* do futebol, mas também, por exemplo, pela democracia, por Mugica, que foi presidente e é muito admirado internacionalmente pelo exemplo de modéstia. O antigo guerrilheiro que foi eleito presidente tornou-se um símbolo de Uruguai? É figura consensual no Uruguai?

Não sei se é consensual, há gente, obviamente, que não gosta de Mugica. Mas sim, é admirado. Porque as pessoas não compreendem como pode haver um presidente tão pobre que viva nas condições que ele vive. E que, além disso, tenha um conceito de vida muito próprio. Não se esqueça de que esteve 13 anos preso. E isolado. Teve muito tempo para pensar. Uma pessoa nessa situação ou fica louco ou reflete muito. Ou as duas coisas. Mugica é como um guru. Tem esse lado reflexivo, permanentemente. Quando fala, todos ouvem o que diz. Tem essa coisa incrível. E, além disso, eu digo sempre que um homem como Mugica - e isso é impensável noutro país da América Latina, salvo agora, na Colômbia, que tem Gustavo Petro, que pertenceu à guerrilha também, e eu tenho muito respeito por Petro – que pertenceu à guerrilha chegar a ser presidente da República é bastante incrível. Por uma via democrática. Ele sabe que a outra não funcionou e que esta sim funcionou. A via democrática foi a escolha dos uruguaios. E hoje temos Luis Alberto Lacalle como presidente, branco, e há três ex-presidentes vivos, a Luís Alberto Lacalle pai, branco, Júlio Maria Sanguinetti, que foi presidente duas vezes e é colorado, e Pepe Mugica, que é da Frente Ampla. E os três ex-presidentes foram à Argentina, fizeram uma conferência juntos, isso é o bom da democracia. Temos eleições em outubro. Peço aos partidos, por favor, não lutem, dialoguem. O Uruguai merece ser bem sucedido. Está no *ranking* entre os 13, 14 países com a melhor democracia do mundo. É incrível.

CARTÓRIO NOTARIAL
Isabel Menezes Correia

CARTÓRIO NOTARIAL DE ISABEL MARIA MENEZES CORREIA

JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO, para fins de publicação, que por escritura pública outorgada hoje, iniciada a folhas setenta e sete e seguintes do livro de notas para escrituras diversas número Dezanove - E, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual:

JOSÉ JOÃO CABRAL, NIF 137971362, natural da freguesia de Freixedas, concelho de Pinhel, e mulher, ETELVINA GASPAR MARTINS CABRAL, NIF 137971354, natural da freguesia de Roque, concelho de Pinhel, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, residente na Av. Bento Gonçalves, n.º 37, 2.º Frente, 2805-100 Almada, titulares dos cartões de cidadão números 02649245 8 ZX8, válido até 03.08.2031 e 04191186 5 ZX6, válido até 20.04.2030, emitidos pela República Portuguesa.

DECLARARAM:

Que o outorgante varão, JOSÉ JOÃO CABRAL, com exclusão de outrem, é o atual único dono e legítimo possuidor do **PRÉDIO URBANO**, composto anexo, destinado a armazém, sito em Almada, Praça do Comércio, n.º 8-B, descrito na **Primeira Conservatória do Registo Predial de Almada** sob o número **dois mil duzentos e trinta e sete/Almada**;

Inscrito na matriz predial urbana sob o **artigo 1352**, da **União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas,** que proveio dos artigos 3759 e 1656, ambos da freguesia de Almada (Extinta),

Que o mencionado prédio encontra-se **registado** a favor de José Gaspar Martins e mulher, Lucie Suzanne Fernande Lutz Martins, pela **apresentação quarenta e dois de dezoito de novembro de mil novecentos e oitenta e dois;**

Sendo que o referido prédio encontra-se atualmente inscrito na matriz predial a favor do outorgante marido, atrás identificado.

Que o referido prédio foi por ele adquirido por doação de José Gaspar Martins e mulher, Lucie Sutanne Fernande Lutz Martins, há mais de quarenta anos, em data que não conseguem precisar, por doação meramente verbal dos referidos José Gaspar Martins e mulher, Lucie Suzanne Fernande Lutz Martins, inexistindo, portanto, títulos formais que a comprove.

Que, em consequência da referida doação, entrou na posse e fruição do dito prédio há mais de vinte anos, em nome próprio, pagando desde então os respetivos impostos, procedendo à sua manutenção, conservação e limpeza, assumindo todas as despesas e encargos relacionados com o imóvel, introduzindo-lhe benfeitorias, gozando de todas as utilidades pelo prédio proporcionado, ocupando-o e agindo sempre pela forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, tudo isto ininterruptamente, sem violência ou oposição de quem quer que seja e à vista de toda a gente.

Que, assim, tal posse pacífica, pública e contínua conduziu à aquisição do direito de propriedade do mencionado prédio por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade e cuja titularidade tem legítimo interesse em inscrever no registo predial por forma a gozar da presunção legal e da oponibilidade a terceiros que esse registo proporciona aos titulares inscritos, dado não puder provar o seu direito de propriedade pelos meios extrajudiciais normais atendendo ao referido modo de aquisição.

(Qualquer interessado que se sinta lesado nos seus direitos ao mencionado prédio deverá impugnar judicialmente esta justificação, no prazo de trinta dias, após a publicação.)

Está na parte respeitante em conformidade com o original.

Cartório Notarial de Isabel Maria Menezes Correia, sito na Avenida Heróis da Liberdade, n.º 31-A, Piso 1, em Massamá, trinta de julho de dois mil e vinte e quatro

A Notária, Isabel Maria Menezes Correia

Conta registada sob o n.º Fac.1782/001/2024

EXTRATO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia dezanove de agosto de dois mil e vinte e quatro no Cartório Notarial de Lisboa, sito na Rua das Musas, número 13 B, Parque das Nações, 1990-166 Lisboa, anteriormente a cargo da Notária Teresa de Sousa Apolónia Rodrigues Vieira, perante mim, **Melissa Simone Pinto Guedes**, Notária, com a sociedade Melissa Guedes, Notária, SP, Unipessoal Lda., em substituição legal por deliberação da Ordem dos Notários, exarada de folhas sessenta e cinco a folhas sessenta e seis verso do Livro de Notas para escrituras diversas número cento e quarenta, foi efetuada uma escritura de Justificação, na qual compareceu:

GISELA MARGARIDA DA SILVA ESTÊVÃO, natural da freguesia de Queluz, concelho de Sintra, solteira, maior, residente na Rua 1, número 42, Bairro Almeida Araújo, 2745-011 Queluz, contribuinte fiscal número 223 790 591.

DISSE A PRIMEIRA OUTORGANTE:

Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do prédio urbano – para habitação –, em propriedade total sem andares nem divisões suscetíveis de utilização independente, com a área de noventa e um vírgula sessenta metros quadrados, sito no Bairro Almeida Araújo, número 42, União das Freguesias de Queluz e Belas, concelho de Sintra, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Queluz, inscrito na matriz predial urbana da União das Freguesias de Queluz e Belas, concelho de Sintra, em seu nome, sob o artigo 7389, proveniente do artigo urbano 5964, da extinta freguesia de Queluz, do concelho de Sintra, com o valor patrimonial de **24.972,20 €** (vinte e quatro mil novecentos e setenta e dois euros e vinte cêntimos), a que atribui igual valor;

Que possui este prédio, em nome próprio, há mais de vinte anos, e até há muitos mais, posse esta desde sempre exercida com a consciência de nunca prejudicar direitos alheios, com o conhecimento de toda a gente sem nunca ocultar esta sua posição ou ser importunada por quem quer que fosse desde o seu início, usufruindo diretamente o referido prédio urbano, traduzindo-se em atos materiais de uso e habitação, tendo feito algumas obras de recuperação e melhoramentos, sendo neste imóvel o seu local de recenseamento, bem como a morada para onde são enviadas todas as correspondências relativas ao seu trabalho e a morada que consta nos seus registos laborais;

Que vem usando o imóvel em seu nome próprio, como sua única dona e por todos sempre reputada como tal, agindo sempre por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, pelo que adquiriu o mencionado prédio por usucapião, não havendo, todavia, dado o modo de aquisição, documentos que lhe permitam fazer prova do seu direito de propriedade, pelos meios normais;

Que o imóvel pertenceu à sua avó, Maria Patrocínio (atualmente já falecida), onde a justificante posteriormente sempre viveu com a sua família, tendo a mesma iniciado a posse sobre o referido prédio, em seu nome próprio e de forma exclusiva, no ano de mil novecentos e noventa e sete;

Trata-se, por conseguinte, de uma posse que sempre exerceu ininterrupta e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse caracterizada pela boa-fé e exercida de forma pública, contínua e pacífica.

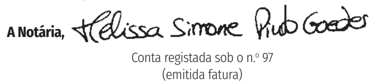
Que, deste modo, estão reunidos os requisitos para a **AQUISIÇÃO, por usucapião**, que invoca, do direito de propriedade sobre o mencionado prédio urbano.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária **Melissa Simone Pinto Guedes**, com a sociedade Melissa Guedes, Notária, SP, Unipessoal, Lda, em substituição legal por deliberação da Ordem dos Notários.

Dezanove de agosto de dois mil e vinte e quatro

A Notária,



Conta registada sob o n.º 97
(emitida fatura)





EDITAL

CAC / 819

Faço saber que M. J. VENDEIRO, S.A., pretende obter licença para a ampliação de capacidade de uma instalação de combustíveis constituída por Instalação de Armazenamento de Combustíveis destinada ao enchimento de taras e/ou veículos cisterna, sita em Rua da Estrada Nova n.º 837 (EN 205, Km 3.840 D), freguesia de Terroso, concelho de Póvoa de Varzim e distrito de Porto.

A referida instalação encontra-se abrangida pelas disposições do Decreto-Lei n.º 267/2002, de 26 de novembro, na atual redação dada pelo Decreto-Lei n.º 217/2012, de 9 de outubro, que estabelece os procedimentos de licenciamento das instalações de armazenamento de produtos derivados do petróleo e postos de abastecimento de combustíveis e pelos respetivos regulamentos de segurança.

Em conformidade com a disposição no n.º 9 da Portaria n.º 1188/2003, de 10 de outubro, alterada pela Portaria n.º 1515/2007, de 30 de novembro, são convidadas as entidades singulares ou coletivas a apresentar por escrito, na área norte desta Direção-Geral, sita na Rua Manuel Pacheco de Miranda, 29 G, 4200-804 Porto, no prazo de 20 dias contados da data de publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida pela entidade acima indicada com a seguinte constituição:

Produto	Instalação	Capacidade (litros)
Gasóleo Colorido e Marcado	Enterrada	40.000
Gasóleo de Aquecimento	Enterrada	40.000
Gasóleo Rodoviário	Enterrada	100.000
Gasóleo Colorido e Marcado	Enterrada	80.000
Gasóleo de Aquecimento	Enterrada	80.000
Gasóleo Rodoviário	Enterrada	100.000

num total de 440.000 litros.

Por subdelegação de poderes, conforme Despacho n.º 2181/2024, de 2024-02-27
Assinado por: **SÉRGIO ERNESTO OLIVEIRA FERREIRA**
Data: 2024.08.20 11:09:14+01'00'
Certificado por: **Diário da República**
Atributos certificados: **Chefe de Divisão - Direção-Geral de Energia e Geologia**
CARTÃO DE CIDADÃO



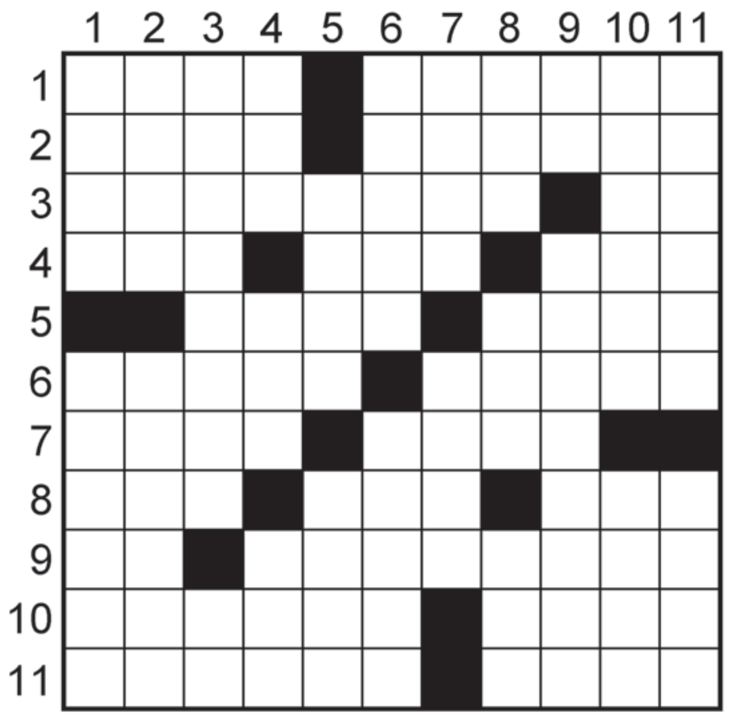
Recrutamento de quadros para a **AMT**

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1. Da mesma forma que. Tigela grande de madeira. **2.** Dar upas (a cavalgadura). Ser vivo irracional. **3.** Arrepio. Cálcio (símbolo químico). **4.** Altar. Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. Transportes Aéreos Portugueses. **5.** Filha de filha ou filho. No Brasil, representa o algarismo 6. **6.** Vagabundo. Quentura. **7.** Interjeição que designa repulsa ou raiva. Ponha o pé sobre. **8.** Prefixo (Terra). Popular (abreviatura). Realiza. **9.** Caminhava para lá. Diz-se do país ou do povo cuja língua oficial é o português. **10.** Tábua arqueada de tonel, pipa, etc. Antigo soberano do Peru. **11.** Que rói. Dividir ao meio.

Verticais: 1. Cabeça (Bras.). Espiar. **2.** Tornar volumoso ou balofo. Esfregado com areia ou outro pó. **3.** Velhaco. União Europeia. **4.** Reza. Interjeição que se emprega para excitar ou animar. Díodo emissor de luz. **5.** Ponto de mira. Salto. **6.** Genica (figurado). Servir de modelo. **7.** Erva-doce. Liana. **8.** Voz do gato. Senão. Termo. **9.** Preposição que indica lugar. Aparelho adequado para enviar som (normalmente a voz humana) a longa distância. **10.** Criado que acompanhava o amo nos seus passeios ou viagens. Quadril. **11.** Esconder. Emitir som forte e zoante.

SUDOKU

	9	1	2			8		6
4				6			1	
2					3			9
	3			7				2
7				1	5			4
		9	6				3	
		6				7		
5				4				
	7	4		9	2	3		1

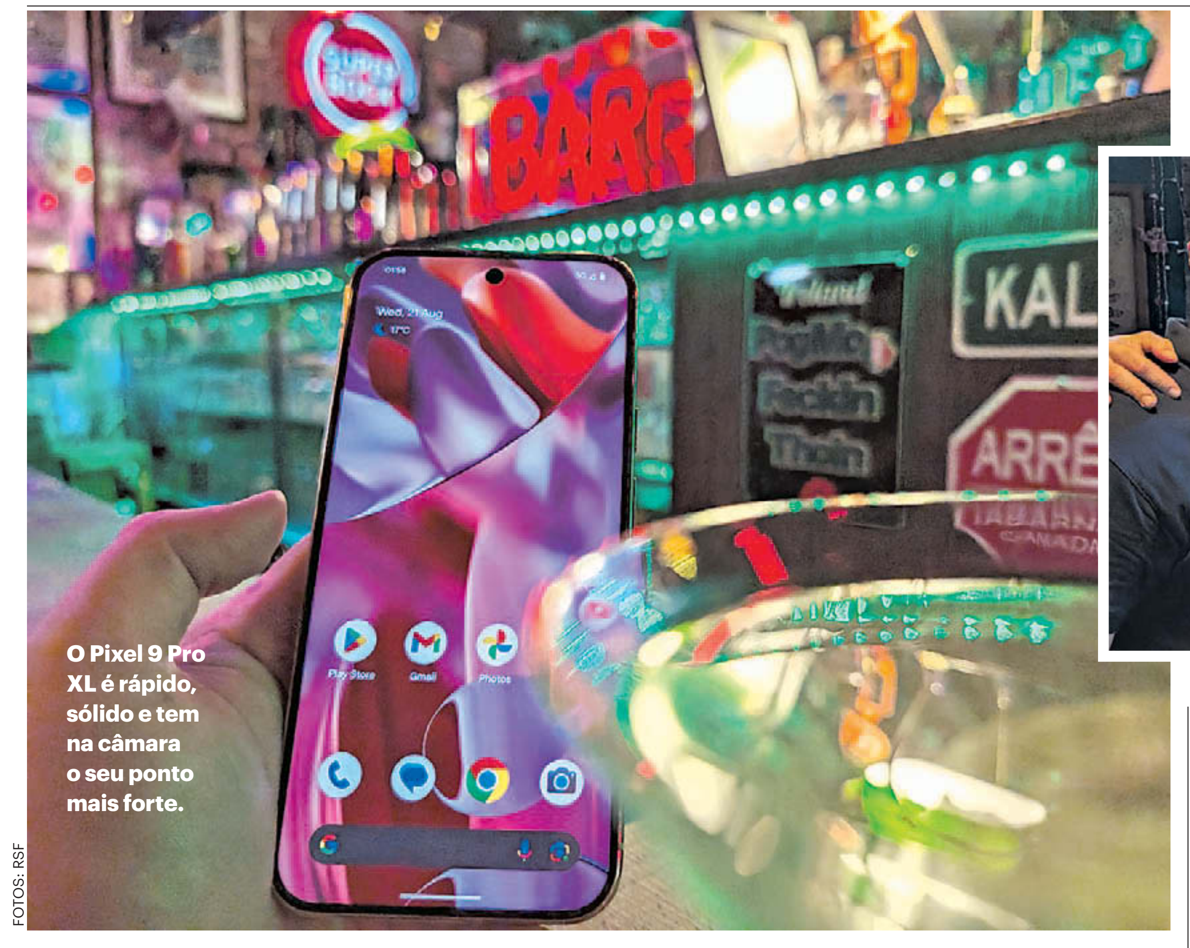
SOLUÇÕES

3	9	1	2	5	4	8	7	6
4	5	8	9	6	7	2	1	3
2	6	7	1	8	3	4	5	9
6	3	5	4	7	9	1	8	2
7	8	2	3	1	5	6	9	4
1	4	9	6	2	8	5	3	7
9	2	6	8	3	1	7	4	5
5	1	3	7	4	6	9	2	8
8	7	4	5	9	2	3	6	1

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Como. Gamela. 2. Upar. Animal. 3. Calafrio. Ca. 4. Ara. IRS. TAP. 5. Neta. Meia. 6. Vadio. Calor. 7. Irra. Pise. 8. Geo. Pop. Faz. 9. Ia. Lusófono. 10. Aduela. Inca. 11. Roedor. Mear.

Verticais:
1. Cuca. Vigiar. 2. Opar. Areado. 3. Malandro. UE. 4. Ora. Eia. Led. 5. Fito. Pulo. 6. Garra. Posar. 7. Anis. Cipó. 8. Mio. Mas. Fim. 9. Em. Telefone. 10. Lacaio. Anca. 11. Alapar. Zoar.



O Pixel 9 Pro XL é rápido, sólido e tem na câmara o seu ponto mais forte.

FOTOS: RSF

Pixel 9 Pro XL
O *smartphone* que já deixou pessoas de boca aberta

TECH Andamos há uma semana a testar o novo topo de gama da Google, mas bastou um serão entre amigos para demonstrar como a marca conseguiu voltar a inovar de forma surpreendente.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

Um jornalista com telemóvel novo entra num bar... Perdão. Um jornalista, e cansado ao fim de um dia de trabalho, entra na casa de amigos – que é um bar –, que têm a amabilidade de já depois das 2.00 da manhã ainda lhe fazerem qualquer coisa para comer – e diz ao João Camacho, gerente e *bartender*, que percebe imenso de fotografia: "Tenho aqui o novo Pixel, da Google, para vermos como é que ele tira fotos quase sem luz."

"Boa. Já te faço uma *coisa bonita* para tirar a foto", reponde. E, passados uns minutos, está a pôr em cima da mesa um *Vesper* – o *cocktail* do James Bond – num belo copo estriado. Ora que bem: a pouca luz existente dispersa-se pelo vidro e bebida, toda a iluminação é difusa e multicolorida, os *neons* das marcas de bebidas que adornam as paredes do estabelecimento (alguns *vintage*) refletem nos mais inesperados locais... Sem dúvida, um desafio para as câmaras do Pixel 9 Pro XL.

Desde que a Google decidiu entrar com marca própria no mercado de *hardware* de *smartphones*, há nove anos, que os seus telemóveis se distinguem pelas capacidades fotográficas, em especial pela utilização de algoritmos de forma a extrair mais informação dos sensores – ou complementar a captada pela câmara. E, de facto, em especial nas mais recentes gerações através de avançados modelos de Inteligência Artificial, o gigante da internet tem criado telefones capazes de captar e criar imagens de qualidade surpreendente.

No Pixel 9 Pro e no Pro XL (que testámos) a Google afirma ter instalado o "melhor sistema de câmara de sempre", como aliás escrevemos já neste espaço. Trata-se de uma câmara tripla que oferece sistemas de *zoom* que, diz o fabricante, têm "desempenho com qualidade ótica de 0,5x, 1x, 2x, 5x e 10x". E na prática?...

Quartzo rosa e um aspeto ainda mais sólido

Já lá vamos, porque os olhos também comem e há que referir que esta nona geração do Pixel consegue ter um aspeto ainda mais luxuoso do que a anterior.

A Google afirma que este modelo é "duas vezes mais resistente" do que o anterior. Ao toque, sente-se de facto mais sólido, de alguma forma. Não que o 8 Pro seja um aparelho frágil, que se dobre facilmente ou com aspeto "barato". De todo! Mas o 9 eleva a fasquia – é mais "rijo", ainda que para isso ganhe um formato mais ligeiramente em "caixinha" (mantendo no entanto todas os cantos e arestas arredondados).

Tirar a foto e aparecer nela não é magia, é tecnologia

A navegação na *app* da câmara do Pixel é intuitiva, mas a Google nesta geração incluiu novos tutoriais ainda mais simples de seguir, especialmente bem-vindos para as novas ferramentas.

A mais espantosa é a mais inovadora: o Adiciona-me. Tal como prometido, é um muito simples sistema guiado de sobreposição de duas fotos em que o utilizador tira uma foto de grupo (deixando espaço para si próprio) e depois passa o telefone a um(a) amigo(a) que tira segunda foto, agora com o "fotógrafo" original no plano. A IA gera uma terceira imagem sobrepondo-o de forma realista na foto original.

Nós, no Janus, o bar de amigos na Costa da Caparica – e já depois de saciar a fome mesmo no que seria a desoras para as pessoas comuns –, conseguimos, num ápice, fazer com que o jornalista tornado fotógrafo ficasse na foto e no espelho a fotografar-se. E logo houve quem por causa disso ficasse boquiaberto...

***Zoom, zoom* e Macro no *zoom*!**

Uma das características típicas dos Pixel é a (excelente) definição da IA para equilibrar automaticamente brancos e conseguir assim cores "naturais". Num ambiente particularmente escuro e com luzes multicolores como aquele em que estávamos, tentámos levar o 9 Pro X ao limite da sua compreensão do que estava em seu redor.

A foto de grupo em que o fotógrafo original (o jornalista, à dta.) está também refletido no espelho – assinalado a vermelho – graças à IA incorporada no Pixel 9. O processo faz-se em dois passos, descrito num simples tutorial.

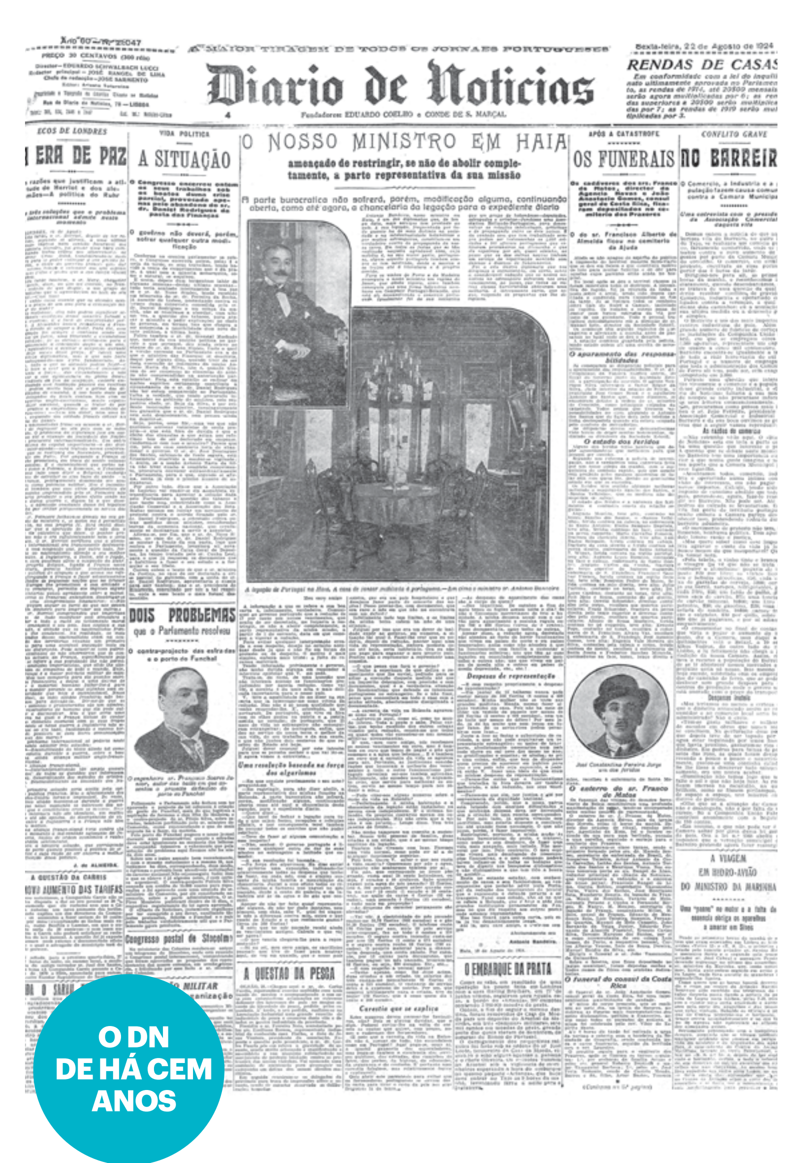
E não conseguimos. Mesmo com ISO elevadíssimos – fotos muito granuladas, dada a pouca luminosidade presente –, e até sob luzes multicores rotativas, a câmara conseguiu sempre resolver tons de pele (na parte em que esta era iluminada naturalmente) e apresentar imagens próximas daquilo que os nossos olhos viam na realidade. Tudo, sempre, sem utilização de *flash*.

A ajudar à qualidade fotográfica nestas circunstâncias está o facto de o 9 Pro utilizar novos algoritmos de IA para interpretar os píxeis presentes na imagem e, assim, melhorar o próprio *zoom* digital.

Resta assim uma pergunta: é este novo 9 Pro suficientemente evoluído para quem comprou o 8 Pro há um ano ir a correr trocar? A não ser que surja algum método de retoma que torne a troca quase gratuita (ou seja daquelas pessoas que tem MESMO de utilizar o último grito da tecnologia), não. O 8 Pro continua a ser um aparelho sólido, era até praticamente ontem a nossa câmara de telemóvel de referência.

Agora se andou este último ano na dúvida se haveria ou não de entrar neste comboio dos Pixel... O 9 Pro (o XL seguramente, o "normal" é suposto ter as mesmas características) é um telefone incrível e o único capaz, como o foi o seu antepassado, de fazer algumas coisas que parecem magia. Mesmo muito recomendado.

Leia a versão completa deste artigo (e veja as fotos) em www.dn.pt


Diario de Noticias

O NOSSO MINISTRO EM HAIA

OS FUNERAIS

NO BARREIRO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CONFLITO GRAVE

NO BARREIRO

O Comercio, a Industria e a população fazem causa comum contra a Camara Municipal

Uma entrevista com o presidente da Associação Comercial daquela vila

Dêmos ontem a noticia do que na laboriosa vila do Barreiro, no outro lado do Tejo, se realizára um comicio publico, fartamente concorrido, onde se protestou contra o novo aumento de impostos por parte da Camara Municipal do concelho. O comercio, em sinal de protesto, encerrara as suas portas a partir das 2 horas da tarde.

Dirigimo-nos para ali, ás primeiras horas da manhã, e reconhecemos imediatamente, quando desembarcámos, que se tratava de uma questão da qual poderão resultar conflitos de gravidade. Comercio, industria e operariado estão ligados contra a vereação, á qual indicam dois caminhos: ou a anulação da sua ultima medida ou a demissão pura e simples.

O Barreiro é um dos mais importantes centros industriais do país. Além de grande numero de fabricas de cortiça só as instalações da Companhia União Fabril, em que se empregam cêrca de 2.500 operarios, representam um capital de quatro a cinco mil contos-ouro. No Barreiro encontra-se igualmente a testa de toda a rêde ferro-viaria do sul de Portugal e o numero de empregados que toda a administração dos Caminhos de Ferro ali tem, pode ser, sem exagero, computado em 3.000.

Perante uma questão que interessa tão vivamente o comercio e a população desse grande centro industrial, o «Diario de Noticias» faltaria á sua missão de sempre se não procurasse informar os seus leitores conscenciosamente. Assim, procuramos como pessoa mais idónea o sr. João Ferreira, presidente da Associação Comercial e Industrial do Barreiro e da sua boca ouvimos as palavras que a seguir vamos reproduzir:

As razões do comercio

—Não estranho vê-lo aqui. O «Diario de Noticias» está em toda a parte onde ha uma questão que interesse o país. A questão que se debate neste momento no Barreiro tem uma importancia superior á que muita gente imagina e mesma áquela que a Camara Municipal parece ligar-lhe.

«Assentamos todos, comercio, industria e operariado numa intima comunhão de interesses, em não pagar os novos impostos. Calcule, tendo sido o imposto de consumo abolido em todo o país, pretende-se, agora, fazê-lo ressurgir no Barreiro. Não pode ser. Até as pedras da calçada se levantariam. Esta vila faz parte do territorio português, muito embora a Camara pareça desconhecer isso, pretendendo rodeá-la duma barreira aduaneira.

«O movimento de protesto não tem, felizmente, nenhuma politica. Tem apenas dois lemas: razão e justiça.

«Mas quere saber como esse imposto iria agravar o custo da vida já hoje pouco menos do que insuportavel? Queira tomar nota.

«Pela tabela, o vinho tinto e branco e o vinagre (já vê que não se trata de combater o alcoolismo) pagaria de imposto $20 por litro; os vinhos licorosos e bebidas alcoolicas, $50; cada caixa de garrafas de cerveja, 5$00; cerveja em barril, xaropes, refrigerantes, por cada litro, $50; um fardo de palha, $20, uma saca de carvão, $25; uma tonelada de carvão mineral, 10$00; um litro de petroleo, $10; de gasolina, $20; uma tonelada de madeira, 10$00; carnes frescas e salgadas, $10 por quilo, sobre os $20 que já pagavam, e por aí adiante, sucessivamente.

«O consumidor no final de contas é que viria a pagar o aumento do imposto, diz a Camara, mas daqui a 3 quilometros está o Seixal, a 10 está Alhos Vedros, do outro lado do rio, Lisboa, e lá felizmente não chega a jurisdição da nossa Camara. Assim, restava o recurso á população do Barreiro de se ir abastecer nesses mercados e o prejuizo seria só nosso. Isto mesmo já hoje sucede, sobretudo com os empregados do caminho de ferro, que se podem deslocar sem grande despesa para os centros de produção onde o genero não está onerado com o preço do transporte.

Despesas inuteis

«Mas teriamos ao menos a certeza de que o dinheiro arrancado assim ao consumidor e ao comercio local seria bem administrado? Não o creio.

«Têm-se gasto milhares e milhares de escudos em obras que nunca mais se concluem. Na perfuração dum poço que depois teve de ser tapado por a agua estar inquinada por umas fossas que havia proximo, gastaram-se rios de dinheiro. Em pedras para faixas de passeios das ruas, as quais foram desaparecendo a pouco e pouco e misteriosamente, gastou-se uma continha calada. Se lhe fôsse a descrever tudo minuciosamente, era um nunca acabar.

«Iluminação não temos logo que nos falte o sol e que não haja luar. As ruas ficam imersas na escuridão, na qual brilham, como se fôssem pirilampos, e de espaço a espaço, uns miseros candieiros de petroleo.

«Olhe que se a situação da Camara não é desafogada, não é por falta de recursos. Só a Companhia União Fabril contribui anualmente com a bagatela de 110 contos.

«Em resumo, o que não pode ser é a Camara saltar por cima duma lei geral do país. Ora a lei n.º 1368 aboliu os impostos que a vereação municipal do Barreiro pretende agora fazer ressurgir.



ECOS DE LONDRES

A ERA DE PAZ

As razões que justificam a atitude de Herriot e dos alemães—A politica do Ruhr

As três soluções que o problema internacional admite neste momento

LONDRES, 15 de Agosto

Esta tarde, o sr. Herriot, depois de ter resistido, segundo se afirma, a uma ultima pressão inglesa num sentido favoravel aos desiderata alemães, foi passar uma hora compulsando livros velhos nos alfarrabistas de Charing Cross Road. Considerando-se assás livre para se poder entregar á sua paixão favorita, o chefe do governo francês quis dar ao mesmo tempo a entender aos que espiam os seus feitos e gestos que a sua tarefa oficial acabou.

Esta tarde tambem, o sr. Marx, chanceler do Reich, disse, ao que me contam, no francês restrito de que dispõe, a um grupo de jornalistas que o aguardavam no hall do seu hotel:—C'est fini!

E' então coisa assente que os alemães aceitam o prazo de um ano para a evacuação militar do Ruhr?

Na realidade, eles não podem significar semelhante aceitação duma maneira formal e sem reservas. E' é facil de compreender porquê. A Alemanha nunca reconheceu á França o direito de ocupar o Ruhr. Para ela, essa ocupação foi sempre e continua sendo um abuso da força, uma flagrante e escandalosa ilegalidade. Se os alemães aceitassem pura e simplesmente a evacuação daqui a um ano, isso equivaleria a aceitar a ocupação durante os doze meses desse prazo. E' talvez uma subtileza diplomatica, mas a que não falta—reconheçamo-lo—um certo fundamento. Assim, tudo o que os alemães podem fazer—e tudo leva a crêr que o façam—é inclinar-se perante a força... das circunstancias e não tomar a sua aquiescencia ao plano Dawes dependente do fim da ocupação, embora embrulhando essa resolução passiva em reservas que podem muito bem ser o germe das dificuldades de amanhã. E isso tanto mais que os delegados do Reich contam bem com os banqueiros anglo-americanos, muito capazes de dizer amanhã, quando se tratar de pôr em pratica o emprestimo dos 800 milhões de marcos-oiro: «—Nem um dolar, nem uma libra, enquanto um soldado francês estiver na bacia do Reno!»

Os nacionalistas franceses acusam o sr. Herriot de regressar ao seu país com as mãos vazias. O problema da segurança fica em suspenso até á reunião da Sociedade das Nações que procurará internacionalizá-lo. Um outro problema de capital importancia—o das dividas inter-aliadas—será tratado numa conferencia que se realizará em Novembro, provavelmente em Paris. Por enquanto a França só recebe promessas, em troca de muito valiosas concessões. E é incontestavel que certas nações como a Polonia, a Romenia, a Tchecoslovaquia (não ouso dizer a Belgica) cuidarão menos de estreitar os seus laços de união com a França, politicamente diminuida aos seus olhos como potencia militar. Mas é incontestavel tambem que esse cêrco diplomatico da Alemanha empreendido pelo sr. Poincaré não poderia produzir o seu pleno efeito senão no caso duma guerra e, digam lá o que disserem, a admissão constante duma tal hipótese acaba por irritar perigosamente os nervos das nações.

O sr. Poincaré fechava-se demais no seu gabinete de ministro e, se assim me é permitido dizê-lo, na sua propria fé. Será inutil dissimular que a operação do Ruhr não deu o que ele calculava que désse. O penhor produtivo não o era suficientemente nem o seria nunca. O sr. Herriot verificou que a atmosfera internacional era francamente desfavoravel a essa ocupação que, por outro lado, fornecia ao nacionalismo alemão o seu melhor pretexto. A Inglaterra, a Italia, até o Japão, viam com pessimos olhos a ocupação do Ruhr. A propria Belgica, ligada á França nessa aventura, parecia hesitar. Simultaneamente a politica de alianças a que acima me referi, obrigando a França a fazer adiantamentos avultados ás pequenas nações que no Oriente da Europa lhe prometiam a sua amizade e o seu concurso, permitia aos ingleses alguns comentarios pouco agradaveis sobre a maneira como os franceses entendiam desobrigar-se dos seus compromissos financeiros: «—Não nos pagam sequer os juros do que nos devem e têm dinheiro para emprestar aos outros.»

O sr. Herriot compreendeu que importava antes de tudo modificar essa atmosfera e obstar a todo o custo ao isolamento moral que ameaçava o seu país. Isso explica a sua atitude, a atitude que os nacionalistas franceses lhe condenam. Na realidade, os mais exaltados desses nacionalistas viam na ocupação dos territorios renanos um primeiro passo para uma eventual anexação mais ou menos disfarçada. Pode acusar-se esses patriotas exaltados de não observarem que as condições actuais da França, especialmente pelo que se refere á sua população lhe não permitem ambições imperialistas, que aliás lhe alienariam as simpatias de todo o mundo. Hoje, a França é a maior potencia militar do mundo. Mas isso comporta para ela pesados sacrificios financeiros e daqui a uma dezena de anos o material humano faltar-lhe-á para para manter perante os seus vizinhos essa superioridade que hoje é incontestavel. Nessa hipótese, as mais sólidas fronteiras não bastariam para defendê-la. Dir-me-ão que as suas colonias e protectorados são um admiravel reservatorio de homens que ela pode cultivar e desenvolver. Mas o que seria uma guerra na qual a França tivesse de contar como elemento essencial com as suas tropas coloniais se nessa guerra a Inglaterra não estivesse ao seu lado, facilitando e mesmo tornando possiveis as suas livres comunicações atravez dos mares?

O problema internacional só poderia neste momento admitir três soluções:

1.ª—Reconstituição do bloco aliado tal como ele existiu durante a guerra, sobre a base duma sólida aliança militar anglo-franco-americana.

2.ª Aliança franco-alemã.

3.ª—Internacionalização tão ampla quanto possivel de todas as questões que interessam a paz. Generalização dos métodos de arbitragem. Desenvolvimento da Sociedade das Nações.

A primeira solução seria aceita pela opinião publica francesa. Mas o afastamento dos Estados-Unidos torna-a impossivel. De resto, o bloco aliado manteve-se durante a guerra porque nesse momento os interesses das nações que o constituiam eram os mesmos. Hoje esses interesses não são identicos, em muitos casos até são opostos. As divergencias de vistas entre a Inglaterra e a França não têm outro motivo.

Uma aliança franco-alemã teria contra ela neste momento a má-vontade agissante da Inglaterra, razões de ordem economica e razões de ordem sentimental.

Resta a terceira solução, que corresponde tão de perto quanto possivel á politica do sr. Herriot e cuja razão de ser encerra a melhor justificação dessa politica.

J. de ALMEIDA.

VIDA POLITICA

A SITUAÇÃO

O Congresso encerrou ontem os seus trabalhos sob os boatos duma crise parcial, provocada apenas pelo abandono do sr. dr. Daniel Rodrigues da pasta das Finanças

O govêrno não deverá, porém, sofrer qualquer outra modificação

Conforme na cronica parlamentar se refere, o Congresso encerrou ontem, pelas 8 e meia da tarde, os seus trabalhos, tendo havido a troca de cumprimentos que é da praxe, á qual nem a minoria monarquica, como é natural, se esquivou.

E assim, depois dum tormentoso labôr de algumas semanas—destas ultimas semanas—tudo teria acabado inteiramente á boa paz se o sr. dr. Nuno Simões, tendo recebido um telegrama do sr. dr. Ferreira da Rocha, já ausente de Lisboa, protestando contra os termos duma entrevista concedida pelo sr. dr. Daniel Rodrigues a um colega da manhã, não se resolvesse a abordar, uma ultima vez, a questão dos tabacos, para atacar o ministro e pedir explicações ao chefe do governo, em termos tais que chegou a ser entrevista a possibilidade dum novo debate politico, á ultima hora.

Falou tambem o sr. dr. Ginestal Machado que, mercê da sua posição politica no partido a que pertence, deu ainda relevo ao ataque do sr. dr. Nuno Simões, findo o qual a versão corrente no Parlamento era a de que o ministro das Finanças se demitiria, daqui por alguns dias, quando tiver de ser dada execução ás indicações da moção Antonio Maria da Silva, isto é, quando tiverem de ser suspensas as clausulas do acôrdo não compreendidas na autorização parlamentar. Para esta opinião se radicar em muitos espiritos certamente contribuiu a circunstancia de o sr. dr. Daniel Rodrigues não ter ontem comparecido no Parlamento. Valha a verdade, que tendo procurado informações no gabinete do ministro, pelo respectivo chefe, sr. Beja da Silva, e por evidente inspiração superior, terminantemente nos garantiu que o sr. dr. Daniel Rodrigues nem está demissionario, nem pensou ainda em demitir-se.

Seja, porém, como fôr,—uma vez que não queremos arriscar vaticinios de conta propria—o que está fóra de duvida é que o efeito das clausulas a que acima nos referimos tem de ser declarado em suspenso. Conforma-se com isso o ministro? Parece que sim, pois em caso contrario teria de abandonar o governo. O sr. dr. José Domingues dos Santos, sabemo-lo de fonte segura, está firmemente resolvido a manter-se vigilante; e, assim, se a moção Antonio Maria da Silva não tiver exacto e completo cumprimento, procurará convocar extraordinariamente o Parlamento, para o que, segundo se afirma, conta já com o preciso numero de assinaturas.

Por outro lado, diz-se que a Associação de Lojistas vai reunir-se em assembleia extraordinaria para apreciar a solução dada pelo Parlamento á questão dos tabacos e que tanto essa colectividade como a Associação Comercial e a Associação dos Retalhistas pensam em iniciar um movimento de protesto contra o acôrdo firmado pelo sr. dr. Daniel Fodrigues, e sobretudo contra outras medidas desse ministro, consideradas lesivas da economia nacional, que erradamente se destinavam a servir e acautelar.

Afirma-se, por fim, que o sr. dr. Nuno Simões, no caso do sr. dr. Daniel Rodrigues se manter á frente da sua pasta, logo que reabra o Parlamento, levantará ali novamente a questão da Caixa Geral de Depositos, ha tempo tratada pelo sr. Cunha Leal, para o que já requereu os documentos que o habilitem a fazer o seu estudo e a formular o seu libelo.

Correu ontem o boato de que o sr. ministro da Justiça, no caso de ser declarada a crise parcial do gabinete, com a saída do sr. dr. Daniel Rodrigues, aproveitaria o ensejo para sair tambem; mas o sr. presidente do Ministerio, consultado por nós a tal respeito, opôs a esse boato o mais formal desmentido.

DOIS PROBLEMAS

que o Parlamento resolveu

O contra-projecto das estradas e o porto do Funchal



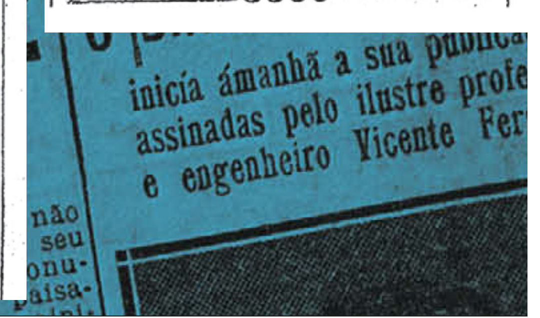
O engenheiro sr. Francisco Soares Junior, autor das bases em que assentou o projecto definitivo do porto do Funchal

Felismente o Parlamento não fechou sem ter aprovado o projecto de lei referente á criação do porto do Funchal, mais do que legitima a aspiração da formosa e rica Ilha da Madeira; e o contra-projecto do sr. Plinio Silva, sobre estradas, tambem perfilhado pelo sr. ministro do Comercio, como representando o que de mais urgente ha a fazer, na matéria.

Pelo porto do Funchal pugnou o nosso jornal durante anos consecutivos; quanto a estradas deve estar igualmente na memoria dos leitores a campanha intensiva e vehemente que pela solução do problema aqui fizemos não ha ainda dois anos.

Sobre um e outro assunto bem recentemente, e com o mesmo entusiasmo e a mesma fé, nos batiamos ha dias, correspondendo, dum modo, a ligitimas e portanto bem atendiveis solicitações de caracter nacional. Não se conseguiu tudo; mas o que se obteve é já alguma coisa, é com certesa acpreiavel. O contra-projecto Pelinio Silva concede um crédito de 15.000 contos para reparações e foi aprovado com uma emenda do sr. ministro do Comercio, por ele considerada necessaria, sobre a parte administrativa. O sr. Pires Monteiro publicará dentro de 15 dias, o respectivo regulamento da lei agora aprovada.

O «Diario de Noticias», justamente orgulhoso por ter cumprido o seu dever, auxiliando tão justas pretensões, felicita o Funchal e o país pelo trabalho verdadeiramente util que o Parlamento agora produziu.





EPA / IGOR PETYX

Mergulhadores transportam vítimas mortais que recuperaram.

Seis mortos confirmados no veleiro de luxo naufragado

ITÁLIA Mergulhadores recuperaram os cadáveres de quatro vítimas, mas operações foram interrompidas antes de ser possível tirar corpo dos destroços.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

São já seis o número de vítimas mortais confirmadas do naufrágio do iate de luxo *Bayesian*, ao largo da Sicília, após as equipas de mergulhadores terem ontem encontrado cinco corpos nos destroços da embarcação, que afundou após uma tempestade. Entre eles está o presidente do banco Morgan Stanley International.

Segundo a agência italiana Ansa, os cadáveres estavam nas cabinas, atrás de colchões e móveis, alguns em locais de difícil acesso. Tanto que um deles acabou por não ser recuperado ainda ontem ao fim do dia, quando as operações tiveram de ser finalizadas, para serem retomadas hoje.

As vítimas recuperadas foram identificadas como Jonathan Bloomer, presidente do Morgan Stanley International, a mulher, Anne Elizabeth, o advogado Chris Morvillo e a mulher, Nada.

Na segunda-feira foi encontrado o cadáver do cozinheiro da embarcação, Recaldo Thomas.

Não se sabendo ainda a identificação do corpo que permanece nos destroços, a cerca de 50 metros de profundidade, oficialmente continuam "desaparecidos" o empresário britânico e proprietário do iate, Mike Lynch, e a filha Hanna, de 18 anos.

A bordo do Bayesian seguiam 12 passageiros e 10 membros da tripulação, tendo a guarda costeira conseguido resgatar com vida 15 pessoas, entre as quais uma criança de apenas 1 ano. Sete pessoas foram dadas como desaparecidas. Com estes seis mortos confirmados, resta localizar um desaparecido.

De acordo com diversos órgãos de comunicação britânicos, o magnata Mike Lynch, que também era conhecido como "Bill Gates britânico", tinha organizado o cruzeiro para festejar com a família, amigos e advogados a sua absolvição, em junho, num processo de fraude nos Estados Unidos, relacionado com a venda da sua empresa de *software* à Hewlett-Packard, em 2011.

As autoridades locais já abriram uma investigação para determinar as causas precisas do acidente, tendo interrogado o capitão do *Bayesian*, James Catfield, 51 anos, durante cerca de duas horas, para perceber como o iate naufragou em apenas alguns minutos.

Com LUSA

BREVES

EUA e Rússia voltam ao espaço juntos

A Rússia anunciou ontem novos voos espaciais partilhados com os Estados Unidos para 2025, ano em que um astronauta norte-americano seguirá para a Estação Espacial Internacional (EEI) numa nave *Soyuz* e um cosmonauta russo numa cápsula *Crew Dragon*. Segundo a agência espacial russa (Roscosmos), o cosmonauta Kirill Peskov voará em fevereiro como membro da missão *Crew-10*, operada pela empresa aeroespacial norte-americana SpaceX, do multimilionário Elon Musk.

Farão parte da mesma missão rumo à EEI as astronautas Anne McClain e Nichole Ayers, ambas da agência espacial norte-americana (NASA), e o astronauta japonês Takuya Onishi. Em março do próximo ano, o astronauta da NASA Jonathan Kim viajará para a EEI a bordo de uma nave russa *Soyuz MS*. A Roscosmos e a NASA, que mantêm a cooperação institucional apesar da guerra na Ucrânia, que levou a congénere europeia ESA a suspender relações com a agência russa, concordaram, em novembro, em prolongar por mais um ano o acordo sobre voos partilhados.

Morte de presidente do Irão foi mesmo "acidente"

O acidente de helicóptero que causou a morte ao ex-presidente iraniano Ebrahim Raisi e à sua comitiva, em maio, foi provocado pelas más condições meteorológicas e pela sobrecarga da aeronave, divulgou a agência de notícias Fars. A investigação deste acidente foi "completamente concluída", de acordo com a Fars, que citou uma fonte de segurança. "As agências de segurança e de inteligência concluíram as suas investigações detalhadas e é absolutamente certo que o que aconteceu foi um acidente", destacou a mesma fonte.

Segundo a agência noticiosa, a investigação atribui o acidente às más condições meteorológicas e à incapacidade do helicóptero em ganhar altitude, sendo apontado que ia carregado com mais passageiros do que os exigidos pelos protocolos de segurança. A bordo seguiam mais dois passageiros do que o esperado, segundo a investigação.

A investigação afastou, de acordo com a Fars, a possibilidade de "bloqueio e ataque aos sistemas eletrónicos" do dispositivo.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



